"Para esclarecer suas dúvidas e despertar sua curiosidade."

Para assistir agora, aponte a câmera do seu celular para o código ao lado.

PLACAR ONDE E COMO VOCÊ QUISER

Antes da internet, antes das redes sociais, antes mesmo do computador, no tempo em que ainda se usava máquina de escrever, a redação de PLACAR vivia a cada domingo — sim, a periodicidade era semanal — uma aventura em ritmo alucinante. Em uma reportagem publicada na edição de 50 anos da revista, em janeiro de 2020, o jornalista Carlos Maranhão lembrou o ambiente no início dos anos 1970, especialmente na hora do fechamento do lendário Tabelão: "Como conseguir as informações de um jogo nos confins do Rio Grande do Sul ou no interior de Pernambuco que nenhuma emissora havia transmitido? Os correspondentes que se virassem. Ligavam para as rádios, para os jornais, para a casa dos plantonistas que já haviam encerrado sua jornada e, no desespero, para os estádios. Na redação, dispúnhamos de uma única linha direta de telefone, disputada a tapa. Mas, no fim da noite, como numa mágica que se repetia semanalmente, tudo vinha para a redação, fosse por telefone, fosse por telex. Sim, o hoje desconhecido telex, do qual ninguém se lembra mais. O que seria do jornalismo daqueles dias sem ele?".

E o que seria do jornalismo hoje sem os sites e as redes sociais? PLACAR, é natural, nunca deixou de bater bola com as mudanças da sociedade e os avanços da tecnologia. Já não se trata de acompanhar as notícias mais confiáveis do futebol apenas na edição impressa — que você tem em mãos e sempre terá, mensalmente —, mas de oferecer conteúdo a todo momento, em qualquer circunstância, na palma das mãos. Por isso PLACAR reinaugura, a partir de agora, um novo site e permanente atualização no Twitter, Instagram e Facebook. A ideia é oferecer o inigualável profissionalismo de nossa equipe em todas as plataformas, ancorado no estilo que fez a fama da mais respeitada revista de esportes do Brasil: um olhar rápido, rapidíssimo, mas diferente, do que acontece dentro e fora de campo.

*

O Guia da Copa América e da Euro chega um pouco antes do início dos torneios para que você possa se organizar, saber o que ver, as grandes partidas e os craques incontornáveis — e, em plena pandemia, eis aí dois belos motivos para ficar em casa, diante da televisão e com o smartphone à mão, seguindo PLACAR. A Copa América será transmitida pelo SBT, no canal aberto. A Euro, pela Globo e pelo SporTV. O mês de junho será mesmo de festa — um pouco de alegria, mas nunca de desdém, diante dos dias tristes e infindáveis que vivemos. Que o grito de gol e a louvação do lance espetacular sirvam de homenagem às centenas de milhares de pessoas que perderam a vida para a Covid-19. ■

placar@abril.com.br

ÍNDICE

COPA AMÉRICA

EURO

CAPA: WANDER MOREIRA. MONTAGEM COM FOTOS DE GUSTAVO PAGANO/GETTY IMAGES, MIKE HEWITT/FIFA/GETTY IMAGES E LAURENCE GRIFFITHS/FIFA/GETTY IMAGES

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Klaus Richmond (reportagem); Gabriel Gama (checagem) Alex Akermann (edição de arte)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal **(Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento, Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços, Regionais e Governo). DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux Martinelli **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO** Carlos Nogueira **GERÊNCIA DE MARKETING** Thaís Rodrigues Rocha **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO E VÍDEO** João Pedro Maya **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DEDOC E ABRILPRESS** Pandia Mendes de França **DATA INTELLIGENCE** Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1475 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

VALE MAIS

A seleção brasileira demorou a tratar a Copa América com respeito, desdenhada como se fosse um torneio sem relevância. Enquanto isso, argentinos e uruguaios cresceram e apareceram. Já não é mais assim,e perder o título pode deflagrar séria crise canarinho

Muito antes de Yuri Gagarin entrar em órbita, em 1961, a Terra já era azul. Tanto a esfera que gira em torno do Sol, vista do espaço, quanto aqui embaixo, a vestir gente que corre atrás de uma bola num campo de futebol. Praticamente desde o pontapé inicial, há mais de um século, o celeste das camisetas e bandeiras de Uruguai e Argentina dominava os gramados. Os uruguaios, aliás, eram os donos da pelota não só na América do Sul: ganharam a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1924, em Paris; e de 1928, em Amsterdã (batendo os argentinos naquela

DO QUE PESA

A celebração do título de 2019, contra o Peru, no Maracanã lotado: foi há dois anos apenas, e parece já uma eternidade

ALEXANDRE BATTIBUGLI

decisão), conquistaram a Copa do Mundo inicial, em 1930, atuando em casa, e repetiram a dose em 1950, no tal amargo Maracanazo.

No continente, o domínio era total. A Copa América, então Campeonato Sul-Americano, primeiro torneio entre países organizado no planeta, começou a ser jogado em 1916. Até 1947, vinte edições tinham sido disputadas, com oito vitórias do Uruguai (incluindo as duas primeiras, com direito a mais quatro vice-campeonatos) e nove da Argentina (incluindo o tri em 1945, 1946 e 1947, com outros oito segundos lugares para a albiceleste). Apenas duas seleções conseguiram quebrar essa escrita naquelas três décadas: o Peru, jogando em seus domínios, em 1939; e o Brasil, também mandante, nos torneios de 1919 e 1922.

Desde então, também o Paraguai, a Bolívia, a Colômbia e o Chile levantaram a taça. O Uruguai venceu pela última vez em 2011 e a Argentina está na fila desde 1993, mas ambos ainda lideram o ranking sul-americano, com quinze e catorze conquistas, respectivamente. E o Brasil, pentacampeão mundial, terra de Zizinho, Didi, Pelé, Garrincha, Zico, Sócrates, Romário, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Neymar? Mais ou menos como acontece com a Taça Libertadores, disputada pelos clubes, nossa seleção parece que acordou tarde para a importância da Copa América.

Muitos desses craques nunca foram campeões continentais com a camisa canarinho. Hoje, já temos nove troféus, cinco deles nas últimas nove edições, contando a festa mais recente, com a vitória por 3 a 1 sobre o Peru, em 7 de julho de 2019, no Maracanã. A cobrança por bons resultados — tanto da torcida quanto da imprensa e dos patrocinadores — faz com que os títulos sejam celebrados de forma modesta, na linha "não fizemos mais do que a obrigação", e as derrotas sejam encaradas como andar várias casas para trás num jogo de tabuleiro, principalmente quando do outro lado está um time mais modesto, sem relevância.

Foi assim, por exemplo, em 2011. A eliminação para o Paraguai, nas quartas de final, será lembrada por muito tempo como a inacreditável noite em que nenhum craque brasileiro conseguiu fazer um gol na decisão por pênaltis *(leia mais curiosidades da Copa América na pág. 24)*. Assim, o Brasil não apenas estará defendendo o título nos gramados da Colômbia a partir de 14 de junho *(veja a tabela nas páginas a seguir)*. Precisa ficar entre os dois primeiros de seu grupo, o B, para não precisar viajar até a Argentina e garantir um mínimo de tranquilidade ao técnico Tite e seu multimilionário elenco de superestrelas internacionais.

Sem torcida, e com medo de novas ondas de contaminação pela Covid-19, atletas de dez seleções jogarão pela primeira vez em dois países para continuar a contar a história do campeonato de nações mais antigo do mundo. Um torneio que começou azul, como a Terra. E se tornou multicolorido, como as bandeiras, a natureza e os povos da América do Sul. ■

RUMO A BARRANQUILLA

ARGENTINA

Estádio Monumental de Nuñez
BUENOS AIRES (BUE)

Estádio Mario Kempes
CÓRDOBA (COR)

Estádio Malvinas Argentinas
MENDOZA (MEN)

Estádio Único Madre de Ciudades
SANTIAGO DEL ESTERO (SDE)

FASE DE GRUPOS

Fique de olho (👁)

GRUPO A

ARGENTINA | URUGUAI | CHILE
BOLÍVIA | PARAGUAI

	Data	Dia	Hora	Jogo			SEDE
👁	13/6	(DOM.)	18H	ARGENTINA	X	CHILE	BUE
	13/6	(DOM.)	21H	PARAGUAI	X	BOLÍVIA	MEN
	17/6	(QUI.)	18H	CHILE	X	BOLÍVIA	MEN
👁	17/6	(QUI.)	21H	ARGENTINA	X	URUGUAI	COR
👁	20/6	(DOM.)	17H	URUGUAI	X	CHILE	MEN
	20/6	(DOM.)	20H	ARGENTINA	X	PARAGUAI	BUE
	23/6	(QUA.)	18H	BOLÍVIA	X	URUGUAI	COR
	23/6	(QUA.)	21H	CHILE	X	PARAGUAI	SDE
	27/6	(DOM.)	18H	ARGENTINA	X	BOLÍVIA	BUE
	27/6	(DOM.)	18H	URUGUAI	X	PARAGUAI	SDE

GRUPO B

BRASIL | COLÔMBIA | PERU
EQUADOR | VENEZUELA

Data	Dia	Hora	Jogo			SEDE	
14/6	(SEG.)	18H	**BRASIL**	X	VENEZUELA	MED	👁
14/6	(SEG.)	21H	COLÔMBIA	X	EQUADOR	BAR	
18/6	(SEX.)	18H	COLÔMBIA	X	VENEZUELA	MED	
18/6	(SEX.)	21H	PERU	X	**BRASIL**	CAL	👁
21/6	(SEG.)	17H	VENEZUELA	X	EQUADOR	BOG	
21/6	(SEG.)	20H	COLÔMBIA	X	PERU	CAL	
24/6	(QUI.)	17H	EQUADOR	X	PERU	CAL	
24/6	(QUI.)	20H	COLÔMBIA	X	**BRASIL**	BAR	👁
28/6	(SEG.)	20H	EQUADOR	X	**BRASIL**	BOG	👁
28/6	(SEG.)	20H	VENEZUELA	X	PERU	MED	

PONTOS

ARGENTINA
URUGUAI
CHILE
BOLÍVIA
PARAGUAI

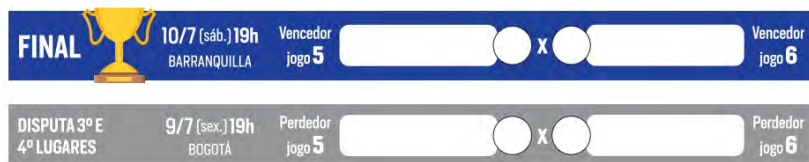
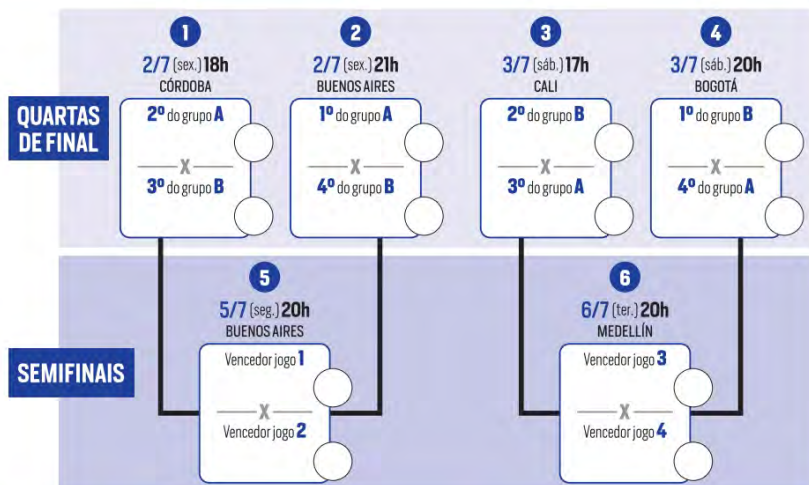
COMO PREENCHER A PONTUAÇÃO

BRASIL

- **Vitória** vale **3** pontos
- **Empate** vale **1** ponto
- **Derrota** vale **zero** ponto

PONTOS

BRASIL
COLÔMBIA
PERU
EQUADOR
VENEZUELA

Se não houver nenhuma transferência de sedes em decorrência da pandemia do novo coronavírus e dos protestos contra o governo na Colômbia, as partidas do torneio serão disputadas em território argentino e colombiano. Os horários marcados são os de Brasília.

ARGENTINA

PARA RETOMAR O TOPO

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE *PLACAR*

É difícil esquecer a cena de Lionel Messi deixando, cabisbaixo, o gramado da Arena Corinthians aos 37 minutos do primeiro tempo daquele 6 de julho de 2019. A Argentina vencia o Chile por 2 a 1 para conquistar o terceiro lugar na edição pré-pandêmica da Copa América. Foi comovente ver o 10 expulso por desentendimento com o adversário Gary Medel. O craque encerrou a competição com apenas um gol. Teve desempenho modestíssimo, quase ruim.

A Argentina e Messi buscam a recuperação, curiosamente, contra o Chile, adversário na estreia. A albiceleste não vence o torneio desde 1993. Quer superar uma série de vice-campeonatos: 2004 e 2007 (derrotas para o Brasil), além de 2015 e 2016 (contra os chilenos). O treinador Lionel Scaloni aposta na renovação. Viraram titulares o atacante Lautaro Martínez, o zagueiro Martínez Quarta e o meia Exequiel Palacios. São ótimos coadjuvantes para a turma veterana do gênio canhoto.

HISTÓRICO

Disputou 42 edições. Foi campeã catorze vezes: em 1921, 1925, 1927, 1929, 1937, 1941, 1945, 1946, 1947, 1955, 1957, 1959*, 1991 e 1993. Perdeu para o Brasil na semifinal em 2019. Se vencer, vai se igualar ao Uruguai, o grande campeão do continente, em número de taças

* Houve duas edições da Copa América; os argentinos venceram uma delas.

O INIGUALÁVEL

QUEM TEM ELE...

...tem tudo. Se o futuro de **Lionel Messi** é incerto no Barcelona, o jogador ainda tem futebol de sobra, suficiente para os argentinos sonharem. Messi é Messi, simples assim. Ele marcou cinco gols em seis jogos na modesta participação do Barça na Liga dos Campeões. E foi decisivo na final da Copa del Rey, na vitória por 4 a 0 contra o Athletic Bilbao, ao marcar dois tentos — um deles enfileirando adversários atônitos.

JUAN I. RONCORONI/GETTY IMAGES

O DESTAQUE

JOVEM ARTILHEIRO

Lautaro Martínez chegou à Inter de Milão em 2018 e construiu, desde então, uma dupla letal com o belga Romelu Lukaku. Pela seleção, fez onze gols em 21 jogos (média de 0,52, superior até mesmo à de Messi, que tem 71 gols em 142 jogos, média de 0,5). O centroavante de 23 anos é comparado, com alguma frequência, a Gabriel Batistuta.

DANIEL APUY/GETTY IMAGES

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

A CONFIANÇA NO LIONEL DO BANCO

Jorge Sampaoli prometia muito, mas naufragou durante a campanha ruim na Copa da Rússia, em 2018. **Lionel Scaloni,** o outro Lionel, chegou para ser um técnico-tampão, mas está virando a salvação. Sempre ameaçado no início (principalmente pela sombra do treinador Marcelo Gallardo, multicampeão pelo River Plate), o ex-lateral-direito de apenas 43 anos conquistou a confiança de Messi para iniciar a reformulação do time. Resistiu até mesmo a uma Copa América de 2019 pouco empolgante e teve como feito mais comemorado até aqui a vitória contra a Bolívia, em La Paz, fato que não ocorria desde 2005. Por enquanto, contabiliza quinze vitórias, seis empates e quatro derrotas, mas a confiança está em alta. Pode, sim, funcionar bem.

MARCELO ENDELLI/GETTY IMAGES

MEMÓRIA

RODOLPHO MACHADO

"Dios" *(à dir.)* no Maracanã, em 1979: a glória logo ali

UM 6 QUE ERA 10

Não havia quem não olhasse para o camisa 6 da Argentina e, simultaneamente, para Zico, o eterno Galinho de Quintino, do Flamengo, naquele 2 de agosto de 1979, no Maracanã. O jovem 6 era Diego Armando **Maradona** Franco, o futuro "Diez", "Dios". El Pibe D'Oro estreou pela Argentina numa Copa América justamente contra o Brasil — que venceu por 2 a 1, com gols de Zico e Tita. Maradona (1960-2020) tinha sido barrado pelo técnico César Menotti na convocação para a Copa de 1978, disputada e vencida em casa pelos argentinos, mas já era apontado como muito mais do que uma simples promessa: naquela partida, aplicou dribles, finalizou e deu um aperitivo de quão longe iria com sua mágica perna esquerda. Disputaria a Copa América outras duas vezes — sem ganhar. Seu brilho ultrapassaria as fronteiras sul-americanas. O resto está na lenda. Como ninguém nos anos 1980 e início dos 1990, ele brilhou com a camisa azul e branca de seu país e com as cores do Barcelona e do Napoli, especialmente. Mas, insista-se, a Copa América nunca foi a grande passarela do menino pobre que encantaria o mundo, acossado por seus próprios demônios.

URUGUAI

RAÚL MARTÍNEZ/EFE

BONS "RECUERDOS"

Seleção com mais títulos de Copa América (quinze), o Uruguai volta a um dos palcos onde reaprendeu a ser grande. Em 2011, foi atravessando o Rio da Prata, na vizinha Argentina, uma das sedes de 2021, que a Celeste se sagrou campeã depois de dezesseis anos de jejum. Curiosamente, dez anos depois, a seleção ainda é guiada pelo mesmo Óscar Tabárez e tem nomes remanescentes da conquista, o principal deles é Luis Suárez, titular ao lado de Forlán naquela campanha. O elenco traz aos uruguaios sonhos de encontrar, novamente, a melhor versão do time que voltou a ser uma potência.

HISTÓRICO

É o recordista em participações e títulos. Disputou 44 edições e foi campeão 15 vezes: em 1916, 1917, 1920, 1923, 1924, 1926, 1935, 1942, 1956, 1959-II, 1967, 1983, 1987, 1995, 2011. Perdeu para o Peru nas quartas de final em 2019

O DESTAQUE

PRODÍGIO REAL

Já existe vida além de Cavani e Suárez. **Federico Valverde** tinha só 17 anos quando rumou como uma aposta à base do Real Madrid. Vice-artilheiro do Sul-Americano Sub-17 em 2015, ele é hoje um meia completo. Marca, constrói e chega à área adversária para finalizar. Aos 22 anos, é peça fundamental não só na seleção de Tabárez, mas no time de Zidane.

TIME-BASE 4-4-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O PROFESSOR LONGEVO

No cargo desde 2006, **Óscar Tabárez,** o Maestro, apelido que ganhou pela carreira de professor primário, é o treinador mais longevo entre os técnicos das seleções atuais. Ele não é só o rosto de um trabalho duradouro e vencedor, mas um símbolo da tradicional garra uruguaia. Tabárez sofre de síndrome de Guillain-Barré, doença autoimune que ataca o sistema nervoso. Mas, aos 74 anos, segue incansável.

RAÚL MARTÍNEZ/EFE

HISTÓRICO

Disputou 39 edições. Foi campeão em 2015 e 2016, período de auge do futebol chileno. Em 1955, 1956, 1979 e 1987 chegou ao vice-campeonato. Perdeu para o Peru na semifinal em 2019

CHILE

NO TÚNEL DO TEMPO

Um aviso: a seleção chilena dará aos fãs a sensação de volta ao passado. É isso mesmo. Nada menos que sete — sete! — possíveis titulares fizeram parte das equipes campeãs da América em 2015 e 2016. Entre eles estão o lateral Isla, do Flamengo, e o atacante Vargas, do Atlético Mineiro. O time, evidentemente um tanto envelhecido, tal qual os bons rótulos de carménère, começou mal as Eliminatórias e tem dificuldades para se renovar. Mas há boas novidades, como o jovem e rápido atacante Carlos Palacios, do Internacional. Será surpresa se o Chile conseguir avançar até a semifinal. Mas impossível não é.

PAULO WHITAKER/EFE

O DESTAQUE

O ÚLTIMO DOS MOICANOS

Arturo Vidal foi campeão com as camisas de Colo-Colo, Juventus, Bayern de Munique, Barcelona e também com a Inter de Milão. Aos 34 anos, ele é peça essencial da Inter de Milão e da seleção chilena. Destaque nos títulos da Copa América de 2015 e 2016, ainda é o grande nome do futebol andino. É o artilheiro das Eliminatórias, com quatro gols — ao lado do paraguaio Ángel Romero e do uruguaio Luis Suárez.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

A PREOCUPAÇÃO É COM O CATAR

O escolhido para substituir o colombiano Reinaldo Rueda, que decidiu assumir a seleção de seu país natal em janeiro, é um velho conhecido da torcida chilena. Ex-zagueiro, o uruguaio **Martín Lasarte** dirigiu o Universidad Católica e venceu três títulos nacionais com a Universidad de Chile. A principal missão não é, hoje, reconquistar a América, mas classificar a seleção para a próxima Copa do Mundo, no Catar.

ALBERTO VALDÉS/EFE

BOLÍVIA

COM SOTAQUE BRASILEIRO

FIGURANTE — PALPITE *PLACAR*

A seleção boliviana inicia a competição sem esperanças. Penúltima colocada das Eliminatórias para a Copa de 2018 e saco de pancadas da última Copa América (três derrotas em três jogos), a equipe caiu na chave mais complicada e, de quebra, não terá a altitude a seu favor — nas duas vezes em que chegou à final, atuava em casa. É um time limitado, que joga na retranca e confia nas defesas do goleiro Lampe e em lampejos de seu jogador mais técnico, o meia Chumacero.

HISTÓRICO

Disputou 27 edições. Foi campeã em 1963, em um torneio na Bolívia atípico e esvaziado. Brasil e Argentina mandaram equipes reservas. Em 1997, foi vice, ao perder para o Brasil de Ronaldo. Caiu na primeira fase em 2019

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O DESTAQUE

O FILHO PRÓDIGO

De volta ao Cruzeiro, o atacante **Marcelo Moreno,** 33 anos, continua sendo a solitária arma de gols da fraca equipe. Filho de um ex-jogador brasileiro, ele nasceu em Santa Cruz de la Sierra, mas se profissionalizou no Vitória (BA) e chegou a defender as seleções brasileiras de base. Optou pela pátria de nascimento e se tornou o maior artilheiro da história de La Verde, com 22 gols.

TIME-BASE 4-4-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O PESO DA EXPERIÊNCIA

O venezuelano **César Farías** possui bastante experiência, apesar de ter só 48 anos. Dirigiu diversos clubes e a seleção de seu país (4ª colocada na Copa América de 2011), além do Tijuana (México) e Cerro Porteño (Paraguai). O sucesso no The Strongest o levou à seleção da Bolívia, primeiro de forma interina e, desde 2019, como treinador efetivo do time adulto e Sub-23. A missão de renovar o time, contudo, é inglória.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

PARAGUAI

A SAGA DO COADJUVANTE

HISTÓRICO

Disputou 37 edições. Foi campeão em 1953 e 1979, e vice em 1922, 1929, 1947, 1949, 1963 e 2011 (ano em que venceu o Brasil nas quartas, nos pênaltis, em uma partida na qual os brasileiros perderam as quatro cobranças). Em 2019, foi vencido pelo Brasil nas quartas

POUCAS CHANCES

A seleção do Paraguai só ganhou a Copa América duas vezes, em 1953 e 1979. Perdeu a final em outras seis ocasiões (a mais recente em 2011) e, apesar de ter conseguido chegar a quatro Mundiais seguidos, entre 1998 e 2010, não passa da quarta (ou quinta) força do futebol sul-americano. Sua maior aposta é a defesa — Gustavo Gómez é o herdeiro de Gamarra.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O DESTAQUE

ELE JÁ DOMINOU A AMÉRICA

Diz um velho ditado que a melhor defesa é o ataque. No futebol paraguaio, vale a máxima ao contrário. A única força da seleção é sua defesa, liderada por **Gustavo Gómez,** 28 anos recém-completados. Revelado pelo Libertad, passou pelo Lanús, da Argentina, e pelo Milan, da Itália, até se consagrar no Palmeiras. Em janeiro, levantou a taça da Libertadores pelo Verdão, depois da vitória contra o Santos.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

DESEMPENHO PROMISSOR

Como zagueiro do Newell's Old Boys, **Eduardo Berizzo,** argentino de 51 anos, ganhou dois dos seis títulos nacionais do time de Rosário. Passou a trabalhar como técnico em 2011 e, há dois anos, assumiu a seleção do Paraguai. Nas Eliminatórias para o Mundial do Catar, ganhou da Venezuela e empatou com Argentina, Bolívia e Peru. É campanha promissora a caminho de mais uma Copa do Mundo. Mas e a América?

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

BRASIL

PELA DÉCIMA CONQUISTA

FAVORITO AO TÍTULO — PALPITE *PLACAR*

A seleção brasileira tem uma missão dura pela frente, e convém sempre acompanhar as lições da história. Dos nove títulos conquistados em outras edições da Copa América, mais da metade, ou seja, cinco deles (1919, 1922, 1949, 1989 e 2019), veio apenas quando o país organizou a competição. Jogar fora de casa, portanto, dificultará a busca pelo bicampeonato, sobretudo porque um dos adversários mais fortes, a Argentina, estará em seus domínios (embora sem público).

Um atalho a caminho da vitória é se espelhar nas duas últimas edições em que o Brasil levou a taça longe da torcida. Em 2004, venceu os argentinos nos pênaltis, no Peru. Em 2007, despachou novamente os *hermanos*, com um festivo 3 a 0 na Venezuela. A boa nova, agora: Tite poderá contar com Neymar, ausente em 2019 devido ao rompimento nos ligamentos do tornozelo direito. Se vencer, e não será tranquilo, diminuirá a diferença para Uruguai (quinze títulos) e Argentina (catorze).

HISTÓRICO

O atual campeão disputou 36 edições. Venceu o torneio nove vezes: em 1919, 1922 e 1949. Depois, atravessou uma inacreditável seca de quarenta anos. Voltou a levantar a taça em 1989, 1997, 1999, 2004, 2007 e 2019

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O INCONTORNÁVEL

FOME DE GOLS

Neymar jamais conquistou a Copa América e chega pressionado depois de o PSG perder a semifinal da Champions League para o Manchester City. Mas Neymar é Neymar, sempre com fome de gols, e ancorado na estatística: é o segundo maior artilheiro da seleção, com 64 gols, 13 a menos que Pelé.

MIGUEL SCHINCARIOL

A NOVIDADE

GARÇOM, MAIS UM!

Renan Lodi teve ótimo começo na seleção. Desde que estreou contra Senegal, em 2019, distribuiu assistências em série para gols, como um garçom de primeira – foram quatro em oito jogos. Embora não viva boa fase no Atlético de Madri, o lateral-esquerdo de 23 anos é herdeiro de Júnior e Roberto Carlos.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

OS RESULTADOS GRITAM ALTO

Desde a eliminação para a Bélgica, nas quartas de final da Copa de 2018, **Tite** e pressão passaram a caminhar juntos, são indissociáveis. O motivo: no Brasil, só o título é louvado. Na ponta do lápis, contudo, o obsessivo treinador gaúcho tem um desempenho sólido no comando canarinho. Foram 52 jogos, com 38 vitórias, dez empates e somente quatro derrotas, um aproveitamento de 79%. O título da última Copa América lhe deu a paz necessária para trabalhar. Se vencer novamente, sabe que chegará respaldado e com ainda mais moral ao Catar. E se perder? Aí são outros quinhentos, e a máquina de moer reputações girará acelerada.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

FOTOS LEMYS MARTINS, J. B. SCALCO

Pelé *(à esq.)* e Zico: os tempos eram outros, de desdém

UMA VERDADE INCONVENIENTE

Soa como *fake news* a informação de que Pelé, três vezes campeão do mundo com a seleção brasileira (1958, 1962 e 1970), e a incrível geração liderada por Zico, Falcão e Sócrates não tenham conquistado uma Copa América, nada. Pelé e Zico só participaram de uma edição cada um. O Rei terminou como artilheiro, em 1959, na Argentina, ainda adolescente, um ano depois de deixar o mundo boquiaberto com a atuação na Copa da Suécia. O Brasil ficou com o vice, derrotado pelos anfitriões.

O fato de Pelé e o 10 da Gávea não terem ganhado é espelho do modo como a seleção olhava para o torneio, até muito recentemente. Enviava-se, quase sempre, times alternativos. Jogadores que atuavam fora do país, como Zico, que estava na Udinese, em 1983, também eram poupados de tal esforço. O Galinho de Quintino deu as caras em 1979, edição que teve o Paraguai como campeão. Foi a única dele, embora tenha jogado as Copas de 1982 e 1986. Azar da Copa América.

OS CANARINHOS

Com elenco quase todo formado por atletas de clubes da elite europeia, Tite manteve a base da Copa América em 2019, com o reforço de Neymar e de atletas que buscam se firmar

C — CONVOCAÇÕES J — JOGOS G — GOLS (no caso dos goleiros, gols sofridos)
🏆 — Anos em que venceu a Copa América

ALISSON
Goleiro
Novo Hamburgo (RS)
destro
Alisson Ramses Becker
2/10/92 (28 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
55	44	-17

🏆 2019

Não vive sua melhor fase no Liverpool, mas é o titular de Tite. Em 2019, foi eleito o melhor goleiro do torneio

EDERSON
Goleiro
Osasco (SP)
canhoto
Ederson Santana de Moraes
17/8/93 (27 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
44	11	-6

🏆 2019

Insubstituível no Manchester City há quatro temporadas, vive à sombra de Alisson na seleção brasileira

WEVERTON
Goleiro
Rio Branco (AC)
destro
Weverton Pereira da Silva
13/12/87 (33 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
21	4	-3

🏆 —

Ídolo do Palmeiras, o goleiro vem ganhando espaço; na ausência de Alisson, disputou as duas últimas partidas das Eliminatórias

DANIEL ALVES
Lateral-direito
Juazeiro (BA)
destro
Daniel Alves da Silva
6/5/83 (38 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
149	119	8

🏆 2007 E 2019

Camisa 10 do São Paulo às costas, mas liberdade para atuar como lateral ou meia, foi o craque da última edição

DANILO
Lateral-direito
Bicas (MG)
destro
Danilo Luiz da Silva
15/7/91 (29 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
49	29	1

🏆 —

Titular da Juventus, o jogador surgiu como o herdeiro de Cafu e Daniel Alves, mas nunca conseguiu se firmar na seleção

THIAGO SILVA
Zagueiro
Rio de Janeiro (RJ)
destro
Thiago Emiliano da Silva
22/9/84 (36 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
126	93	7

🏆 2019

O interminável zagueiro chega à competição depois de mais uma excelente temporada, agora pelo Chelsea

MARQUINHOS
Zagueiro
São Paulo (SP)
destro
Marcos Aoás Corrêa
14/5/94 (27 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
74	51	2

🏆 2019

Cada vez mais importante para a equipe do Paris Saint-Germain, é uma das referências da seleção brasileira

ÉDER MILITÃO
Zagueiro
Sertãozinho (SP)
destro
Éder Gabriel Militão
18/1/98 (23 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
21	8	0

🏆 2019

O futuro do miolo de zaga da seleção, fez uma ótima temporada e foi um dos pilares da defesa do Real Madrid

DIEGO CARLOS
Zagueiro
Barra Bonita (SP)
destro
Diego Carlos Santos Silva
15/3/93 (28 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
2	0	0

🏆 —

Desde que chegou ao Sevilla, em 2019, ganhou notoriedade na Europa e começou a ser convocado em 2020

RENAN LODI
Lateral-esquerdo
Serrana (SP)
canhoto
Renan Augusto Lodi dos Santos
8/4/98 (23 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
8	8	0

🏆 —

A ascensão meteórica levou o lateral do Athletico Paranaense para o Atlético de Madri e para o time titular da seleção

ALEX SANDRO
Lateral-esquerdo
Catanduva (SP)
canhoto
Alex Sandro Lobo Silva
26/1/91 (30 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
46	23	1

🏆 2019

Na Juventus, é o dono do lado esquerdo do campo; já na seleção, não tem chances contra a sensação Renan Lodi

CASEMIRO
Volante
São José dos Campos (SP)
destro
Carlos Henrique Casimiro
23/2/92 (29 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
62	48	3

🏆 2019

O volante é a peça fundamental para dar equilíbrio defensivo ao Real Madrid e à seleção brasileira

DOUGLAS LUIZ
Volante
Rio de Janeiro (RJ)
destro
Douglas Luiz Soares de Paulo
9/5/98 (23 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
6	5	0

🏆 —

Formado no Vasco da Gama, o jovem é destaque do Aston Villa e ganhou lugar como volante pela esquerda da seleção

ALLAN
Volante
Rio de Janeiro (RJ)
destro
Allan Marques Loureiro
8/1/91 (30 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
16	10	0

🏆 2019

Outra cria da base vascaína, o volante chegou ao Everton nesta temporada para ditar o ritmo do meio-campo

BRUNO GUIMARÃES
Volante
Rio de Janeiro (RJ)
destro
Bruno Guimarães Rodriguez Moura
16/11/97 (23 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
4	1	0

🏆 —

Campeão da Sul-Americana de 2018 pelo Athletico Paranaense, o meia é um dos destaques do Lyon

FABINHO
Volante
Campinas (SP)
destro
Fábio Henrique Tavares
23/10/93 (27 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
34	12	0

🏆 —

No Liverpool, joga no meio-campo e também quebra galho na zaga; na seleção, ainda busca seu espaço

LUCAS PAQUETÁ
Meia
Rio de Janeiro (RJ)
canhoto
Lucas Tolentino Coelho de Lima
27/8/97 (23 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
20	13	2

🏆 2019

Já chegou a usar a camisa 10 da seleção brasileira em ausências de Neymar; brilhou pelo Lyon na temporada

EVERTON RIBEIRO
Meia
Arujá (SP)
canhoto
Everton Augusto de Barros Ribeiro
10/4/89 (32 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
14	10	0

🏆 —

A fase no Flamengo já foi melhor; mesmo assim, tem a confiança de Tite e deve substituir o lesionado Philippe Coutinho

NEYMAR
Atacante
Mogi das Cruzes (SP)
destro
Neymar da Silva Santos Júnior
5/2/92 (29 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
109	103	64

🏆 —

A bola é dele. Ausente na última Copa América por lesão no tornozelo, o craque do time está de volta

RICHARLISON
Atacante
Nova Venécia (ES)
destro
Richarlison de Andrade
10/5/97 (24 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
26	23	8

🏆 2019

O Pombo não é só referência em carisma, mas também decisivo para o ataque do Everton e da seleção

ROBERTO FIRMINO
Atacante
Maceió (AL)
destro
Roberto Firmino Barbosa de Oliveira
2/10/91 (29 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
60	48	16

🏆 2019

A sexta temporada no Liverpool foi a que ele menos balançou as redes; assim como o time, não vive grande fase

GABRIEL JESUS
Atacante
São Paulo (SP)
destro
Gabriel Fernando de Jesus
3/4/97 (24 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
43	41	18

🏆 2019

Reserva no Manchester City, conta com a versatilidade para atuar na seleção: pode jogar na direita ou como centroavante

VINÍCIUS JÚNIOR
Atacante
São Gonçalo (RJ)
destro
Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior
12/7/00 (20 anos)

Na seleção brasileira		
C	J	G
5	1	0

🏆 —

Destaque do Real Madrid, o atacante driblador é um dos bons nomes da nova geração do futebol brasileiro

DIVULGAÇÃO

Esta edição de PLACAR foi fechada antes da convocação final para a Copa América. Pode haver alguma diferença entre a lista oficial e o que aparece nesta página

O HISTÓRICO DO TORNEIO CONTINENTAL

O Brasil venceu cinco de suas nove taças nas últimas nove edições e se consolidou como o rei da América no século XXI. No entanto, o jejum de quatro décadas, entre 1949 e 1989, ainda o mantém atrás de uruguaios (quinze títulos) e argentinos (catorze), no geral. Tite pode se tornar o primeiro técnico bicampeão continental pela seleção

ANO	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA	RESULTADO	TÉCNICO	ARTILHEIRO
1916	3	0	2	1	3	4	3º LUGAR	SYLVIO LAGRECA	**ALENCAR, DEMÓSTHENES E FRIEDENREICH:** 1 GOL
1917	3	1	0	2	7	8	3º LUGAR	SYLVIO LAGRECA	HAROLDO E NECO: **2 GOLS**
1919	4	3	1	0	12	3	**CAMPEÃO**	HAROLDO DOMINGUES	FRIEDENREICH E NECO: **4 GOLS**
1920	3	1	0	2	1	8	3º LUGAR	OSWALDO GOMES	ALVARIZA: **1 GOL**
1921	3	1	0	2	4	3	VICE	FERREIRA VIANNA NETTO	MACHADO: **2 GOLS**
1922	5	2	3	0	7	2	**CAMPEÃO**	LAÍS	AMÍLCAR, FORMIGA E NECO: **2 GOLS**
1923	3	0	0	3	2	5	4º LUGAR	CHICO NETTO	NILO: **2 GOLS**
1925	4	2	1	1	11	9	VICE	RAMÓN PLATERO (URU)	LAGARTO E NILO: **4 GOLS**
1937	6	4	0	2	17	11	VICE	ADHEMAR PIMENTA	LUIZINHO E PATESKO: **4 GOLS**
1942	6	3	1	2	15	7	3º LUGAR	ADHEMAR PIMENTA	PIRILLO: **6 GOLS**
1945	6	5	0	1	19	5	VICE	FLÁVIO COSTA	HELENO DE FREITAS: **6 GOLS**
1946	5	3	1	1	13	7	VICE	FLÁVIO COSTA	ZIZINHO: **5 GOLS**
1949	8	7	0	1	46	7	**CAMPEÃO**	FLÁVIO COSTA	JAIR: **9 GOLS**
1953	7	4	0	3	17	9	VICE	ZEZÉ MOREIRA	JULINHO: **5 GOLS**
1956	5	2	2	1	4	5	4º LUGAR	OSVALDO BRANDÃO	ALVARO, LUIZINHO, MAURINHO E ZEZINHO: **1 GOL**
1957	6	4	0	2	23	9	VICE	OSVALDO BRANDÃO	DIDI E EVARISTO DE MACEDO: **8 GOLS**
1959 (1)*	6	4	2	0	17	7	VICE	VICENTE FEOLA	PELÉ: **8 GOLS**
1959 (2)*	4	2	0	2	7	10	3º LUGAR	GENTIL CARDOSO	PAULO: **4 GOLS**
1963	6	2	1	3	12	13	4º LUGAR	AYMORÉ MOREIRA	FLÁVIO: **5 GOLS**
1975	6	5	0	1	16	4	SEMIFINAL	OSVALDO BRANDÃO	DANIVAL, NELINHO, PALHINHA E ROBERTO BATATA: **3 GOLS**
1979	6	2	2	2	10	9	SEMIFINAL	CLÁUDIO COUTINHO	SÓCRATES: **3 GOLS**
1983	8	2	4	2	8	5	VICE	CARLOS ALBERTO PARREIRA	ROBERTO DINAMITE: **3 GOLS**
1987	2	1	0	1	5	4	1ª FASE	CARLOS ALBERTO SILVA	CARECA, EDU MARANGON, NELSINHO E ROMÁRIO: **1 GOL**
1989	7	5	2	0	11	1	**CAMPEÃO**	SEBASTIÃO LAZARONI	BEBETO: **6 GOLS**
1991	7	4	1	2	12	8	VICE	PAULO ROBERTO FALCÃO	BRANCO: **3 GOLS**
1993	4	1	2	1	6	4	QUARTAS	CARLOS ALBERTO PARREIRA	PALHINHA: **3 GOLS**
1995	6	4	2	0	10	3	VICE	ZAGALLO	TÚLIO: **3 GOLS**
1997	6	6	0	0	22	3	**CAMPEÃO**	ZAGALLO	RONALDO: **5 GOLS**
1999	6	6	0	0	17	2	**CAMPEÃO**	VANDERLEI LUXEMBURGO	RIVALDO E RONALDO: **5 GOLS**
2001	4	2	0	2	5	4	QUARTAS	FELIPÃO	DENILSON: **2 GOLS**
2004	6	3	2	1	13	6	**CAMPEÃO**	CARLOS ALBERTO PARREIRA	ADRIANO: **7 GOLS**
2007	6	4	1	1	15	5	**CAMPEÃO**	DUNGA	ROBINHO: **6 GOLS**
2011	4	1	3	0	6	4	QUARTAS	MANO MENEZES	ALEXANDRE PATO E NEYMAR: **2 GOLS**
2015	4	2	1	1	5	4	QUARTAS	DUNGA	DOUGLAS COSTA, NEYMAR, ROBERTO FIRMINO, ROBINHO E THIAGO SILVA: **1 GOL**
2016	3	1	1	1	7	2	1ª FASE	DUNGA	PHILIPPE COUTINHO: **3 GOLS**
2019	6	4	2	0	13	1	**CAMPEÃO**	TITE	EVERTON CEBOLINHA: **3 GOLS**

* Houve duas edições da Copa América em 1959.

COLÔMBIA

EM CASA DÁ PARA JOGAR BONITO

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

PODE CHEGAR — PALPITE PLACAR

Coanfitriã, a Colômbia quer aproveitar o fato de jogar em casa para se dar bem no torneio. O sorteio foi generoso e é boa a chance de os Cafeteros ficarem em primeiro ou segundo na chave, junto com o Brasil. É o que se espera, para sacudir a poeira do péssimo fim de 2020. As derrotas de 6 a 1 para o Equador, em Quito, e de 3 a 0, em casa, diante do Uruguai (ambas pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo) deixaram a Colômbia em sétimo lugar na tabela e custaram o emprego do treinador português Carlos Queiroz.

HISTÓRICO

Disputou 22 edições. Foi campeã em 2001, com seis gols de Aristizábal, e vice em 1975, derrotada pelo excelente Peru de Teófilo Cubillas. Perdeu para o Chile nas quartas de final em 2019

O DESTAQUE

MEIA DAS ANTIGAS

O artilheiro da Copa de 2014 quer mostrar que ainda pode ser decisivo. Após um período em baixa com as camisas do Real Madrid e do Bayern de Munique, **James Rodríguez** se reencontrou no Everton, da Inglaterra, sob o comando de Carlo Ancelotti. Se as lesões não atrapalharem, o camisa 10 clássico, de passes precisos e finalizações perfeitas, quer voltar a brilhar.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O MESTRE PRESENTE

Terceiro colocado do Mundial Sub-20 com a Colômbia em 2003, **Reinaldo Rueda** assumiu a seleção principal, então na lanterna das Eliminatórias para a Copa do Mundo, no ano seguinte. Não conseguiu a classificação, mas foi elogiado por deixar a equipe apenas 1 ponto atrás do Uruguai, que disputou a repescagem. Após quinze anos de separação, Rueda rompeu seu contrato com a Federação Chilena para retornar.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

HISTÓRICO

Disputou 32 edições. Foi campeão em 1939, no tempo do Campeonato Sul-Americano, e em 1975 — naquele ano, venceu a Colômbia nas finais, depois de despachar o Brasil com uma vitória de 3 a 1 no Mineirão e derrota por 2 a 0 em Lima. Foi vice em 2019

PERU

A DESPEDIDA DE UMA ERA

PODE CHEGAR

PALPITE *PLACAR*

A seleção peruana devolveu o orgulho a seu torcedor e readquiriu um papel de respeito no continente. Encerrou uma ausência de 36 anos ao se classificar para a última Copa do Mundo, na Rússia, onde caiu na primeira fase, mas fez jogo duro contra a campeã França. Na Copa América do ano seguinte, foi além: despachou os favoritos Uruguai e Chile e só parou na seleção brasileira, na decisão no Maracanã. Eis os feitos de um time veterano e experiente, com diversos atletas com experiência internacional — Trauco, Yotún, Cueva e, claro, o guerreiro Guerrero.

CHRIS BRUNSKILL/FANTASISTA/GETTY IMAGES

O DESTAQUE

A BATALHA FINAL

Aos 37 anos, **Paolo Guerrero** voltou. Recuperado de uma lesão que o afastou 210 dias do Inter, o maior artilheiro do Peru (39 gols) pode deixar sua última grande marca. A motivação: ele está a três bolas na rede de se igualar com os recordistas Norberto Méndez (Argentina) e Zizinho (Brasil), que têm dezessete gols em Copa América.

TIME-BASE 4-1-4-1

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

SEMPRE SERENO

Ricardo Gareca assumiu a seleção peruana em 2015, logo depois de uma passagem inglória pelo Palmeiras. Desde então, com ótimas vitórias, o ex-atacante argentino mudou o seu patamar como técnico ao colecionar façanhas pela equipe Blanquirroja. Calmo, bem-educado e com vocação claramente ofensiva, o técnico de 63 anos já é um ídolo no país (chegou a recusar diversas propostas de fora) e tem nova chance de fazer história.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

FRANKLIN JÁCOME/EFE

EQUADOR

A BUSCA PELA RELEVÂNCIA

PODE CHEGAR — PALPITE PLACAR

Se o retrospecto recente do Equador for repetido na Copa América, convém prestar atenção na equipe dirigida por Gustavo Alfaro *(leia abaixo)*. No início das Eliminatórias para a Copa do Catar foram três resultados empolgantes: 6 a 1 contra a Colômbia; 3 a 2 com a Bolívia na altitude de La Paz; e 4 a 2 no Uruguai. Vitórias que instalaram a seleção, ao menos provisoriamente, em terceiro lugar, atrás apenas de Brasil e Argentina. Será que está surgindo uma nova força na América do Sul? É possível — embora o peso da camisa sempre valha alguma coisa, e na América do Sul é regra incontornável.

HISTÓRICO

Disputou 28 edições. Nunca foi campeão. Os melhores resultados são o quarto lugar em 1959* e em 1993. Caiu na primeira fase em 2019, no grupo do qual faziam parte Uruguai, Chile e Japão — sim, este o convidado de honra do torneio

* Os equatorianos ficaram com o quarto lugar na segunda edição disputada em 1959

O DESTAQUE

GOLEADOR INESPERADO

As seleções sul-americanas têm uma capacidade inexplicável de promover talentos que não dão certo em nenhum outro lugar. A carreira de **Michael Estrada** é tímida. O atacante de 25 anos nem ao menos é titular absoluto no Toluca, do México, mas é o homem-gol do Equador. Marcou uma vez na goleada sobre a Colômbia e duas contra o Uruguai, nas Eliminatórias da Copa.

TIME-BASE 4-4-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

UMA SOLUÇÃO NA VIZINHANÇA

No início de 2020, a federação equatoriana apostou em Jordi Cruyff, filho do craque holandês, para assumir a seleção. Com a eclosão da pandemia, o catalão foi embora sem dirigir uma única vez o time. A solução foi apostar no argentino **Gustavo Alfaro,** de 58 anos. Ex-meio-campista e treinador campeão pelo Boca Juniors, é o grande responsável pela boa arrancada inicial das Eliminatórias. Alfaro sabe montar equipes de rápido contra-ataque.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

HISTÓRICO

Disputou dezoito edições. O melhor resultado foi um quarto lugar em 2011 — perdeu a semifinal para o Paraguai nos pênaltis. Em 2019, parou contra os argentinos, nas quartas de final

VENEZUELA

A VEZ DE ABANDONAR A RETRANCA

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

Acostumada a ser o saco de pancadas do continente, a seleção Vino Tinto certamente evoluiu — ainda não a ponto de chegar à sua primeira Copa do Mundo, mas já incomodando os vizinhos com alguma frequência. O crescimento se deu, sobretudo, devido a sua organização defensiva.

O time, no entanto, tem atletas talentosos do meio para a frente, como Yeferson Soteldo, ex-Santos *(leia abaixo)* e Jefferson Savarino, do Atlético Mineiro. Caso demonstre, enfim, um pouco mais de ousadia, pode arriscar ir mais longe ou, ao menos, impor mais respeito aos adversários.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O DESTAQUE

O PEQUENO NOTÁVEL

No início, **Yeferson Soteldo,** de 23 anos, chamava atenção em campo por ter 1,57 metro, pouco para um jogador de futebol. Com o tempo, a estatura virou detalhe, dada a qualidade de drible e passe do craque. Ele não levou o Santos ao inesperado título da Libertadores em 2020. Joga agora no Toronto F.C., do Canadá.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

BEM-VINDO À ESCOLA LUSITANA

Há, hoje, no futebol uma categoria especial: a de treinadores portugueses. **José Peseiro,** de 61 anos, é digno representante dessa escola. Ele quer tentar repetir o sucesso dos compatriotas Jorge Jesus e Abel Ferreira, campeões das últimas edições da Libertadores. Com passagens por clubes europeus, asiáticos e africanos, Peseiro assumiu a Venezuela em 2020 e rapidamente mostrou a que veio: um time mais ofensivo do que o do antecessor Dudamel. A ver como funcionará na Copa América.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

SOY LOCO POR TI!

Onze curiosidades do torneio sul-americano (que nem sempre foi só sul-americano) e um punhado de recordes para mostrar conhecimento nas conversas com os amigos pelo Zoom **ALEXANDRE SENECHAL**

ACERVO PLACAR

ACERVO PLACAR

QUEM APITA?

Antes do profissionalismo, algumas práticas — hoje muito estranhas — eram comuns no futebol.
Na primeira edição da Copa América, em 1916, então chamada de Campeonato Sul-Americano de Futebol, na Argentina, o meio-campista titular da seleção brasileira **Sidney Pullen** foi o árbitro da partida entre Argentina e Chile. Repita-se, para não deixar dúvida: Pullen foi o juiz do jogo. E teve mais: Carlos Fanta, treinador do Chile, apitou três partidas, inclusive o empate de 0 a 0 entre Argentina e Uruguai que deu o título à Celeste.

MEIO DE TRANSPORTE: MULA

Em 1919, logo depois da pandemia de Gripe Espanhola, o Rio de Janeiro sediou pela primeira vez o Sul-Americano — venceu o Brasil, liderado por **Arthur Friedenreich,** El Tigre, como foi apelidado pelos uruguaios, e Neco. O Chile, quarto colocado entre as quatro seleções participantes do torneio, passou momentos constrangedores. Nem tanto pelo pouco que jogou, com três derrotas, mas por causa do caminho de volta para casa. Na ida, rumo ao Brasil, o time veio de navio, junto com os argentinos. Na volta, a confusão: uma tempestade de neve fechou a ferrovia e deixou os chilenos presos na cidade de Mendoza, na Argentina, próxima da fronteira com o Chile. A equipe decidiu continuar a viagem e atravessar a Cordilheira dos Andes em cima de mulas. As pessoas chegaram em casa quarenta dias depois de terem saído do Brasil.

ACERVO PLACAR

ACERVO PLACAR

MI BUENOS AIRES QUERIDO

Era incrível a estabilidade de **Guillermo Stábile.** O treinador portenho comandou a seleção argentina durante 21 anos, entre 1939 e 1960. Nesse período conseguiu seis títulos da Copa América. O compatriota Alfio Basile e os uruguaios Juan Carlos Corazzo e Ernesto Fígoli, que vêm logo atrás na lista, venceram duas vezes. Stábile foi campeão em 1941, 1945, 1946, 1947, 1955 e 1957. Dentro de campo também mostrou que entendia do riscado. Foi o **artilheiro da primeira Copa do Mundo,** em 1930, no Uruguai, com oito gols.

OS HOMÔNIMOS BATERAM NA TRAVE

Craques europeus do Barcelona e artilheiro espanhol no torneio sul-americano? Nada disso! Mas os gramados sul-americanos já presenciaram algumas coincidências interessantes. Puyol e Busquets participaram da Copa América, sim. Miguel Busquets era o meia-esquerda do Chile em 1947 e até marcou um gol na competição. O árbitro uruguaio Carlos Puyol apitou três partidas em 1939 — mas não se engane: o ídolo do Barça se chama Carles. Ah, sim, houve também um Nessi no Paraguai. Nessi, não Messi. Lino Nessi (e não Lionel), autor de um gol na Copa América de 1929.

A Gazeta Esportiva

Propriedade da Fundação CASPER LIBERO

ANO XXI | Preço: Capital 70 Cent. - Interior 80 Cent. | São Paulo – Quinta-feira, 12 de Maio de 1949 | Tel.: 4-4135 | N.º 1.861

Brasil, campeão Sul americano de futebol de 1949

BRASIL 9	EQUADOR 1
BRASIL 10	BOLIVIA 1
BRASIL 2	CHILE 1
BRASIL 5	COLOMBIA 0
BRASIL 7	PERU 1
BRASIL 5	URUGUAI 1
BRASIL 1	PARAGUAI 2
BRASIL 7	PARAGUAI 0

(Desempate)

Homenagem de A GAZETA ESPORTIVA e da RADIO PANAMERICANA

ACERVO PLACAR

ACERVO PLACAR

MR. LIVINGSTONE, I PRESUME

Ninguém entrou mais em campo na Copa América do que o goleiro chileno **Sergio Livingstone.** O Sapo, como era conhecido por causa da forma como pulava para defender as bolas, esteve em seis edições, conquistou o terceiro lugar com a seleção chilena duas vezes e foi eleito o melhor jogador da competição em 1941. Atuou, ao todo, em 34 partidas. Depois de encerrada a carreira, ele fez sucesso como comentarista de rádio.

"SÃO JANUARAZO"

Um ano antes da triste derrota para o Uruguai na decisão da Copa do Mundo de 1950, o Brasil sofreu uma decepção semelhante na partida em que poderia conquistar o título da Copa América. E o pior: com um roteiro idêntico. Com seis vitórias em seis jogos e só precisando de um empate para ficar com a **taça de 1949,** os brasileiros receberam o Paraguai em São Januário, no Rio. Tesourinha, ponta do Internacional, abriu o placar. Os guaranis viraram na segunda etapa. O final da história, contudo, calhou de ser feliz para a turma treinada por Flávio Costa. As duas seleções acabaram com o mesmo número de pontos e fizeram uma partida de desempate. Três dias depois, novamente no estádio do Vasco, o Brasil goleou por 7 a 0, com três de Ademir de Menezes, que jogava em casa, apoiado pela torcida cruz-maltina. Jair, o artilheiro daquela Copa América com nove gols, também deixou sua marca.

UMA MÃO CHEIA

Os ingleses têm formas peculiares para definir os artilheiros em uma única partida. Quando alguém marca três gols, conseguiu um hat-trick — expressão que, de modo tolo, a crônica esportiva brasileira importou. Quatro gols leva a alcunha de poker (uma referência à quadra no jogo de baralho). Já quando um jogador balança as redes cinco vezes, o nome dado é glut. Apenas quatro jogadores conseguiram a proeza da mão cheia em edições da Copa América (direito a música no *Fantástico* com sobra). O primeiro foi o matador uruguaio Héctor Scarone, em 1926, na goleada sobre a Bolívia. Os argentinos Juan Marvezzi (em 1941) e José Manuel Moreno (em 1942) também marcaram uma, duas, três, quatro e cinco vezes em um único jogo. Um brasileiro fecha a lista: **Evaristo de Macedo,** no massacre em cima da Colômbia por 9 a 0, em 1957.

ACERVO PLACAR

CONVIDADOS INGRATOS

Desde 1993, a Copa América sempre contou com convidados fora da Conmebol para completar o torneio — a pandemia evitou que Austrália e Catar fizessem parte da edição atual. Alguns deles não cumpriram com a boa etiqueta e trouxeram problemas para os donos da festa. E o Brasil sofreu com isso. Nas edições de 2001 e 2007, a seleção canarinho perdeu para o México na fase de grupos. Um ano antes do Penta, também perdeu para Honduras, nas quartas de final — um resultado que fez muitos duvidarem de que era possível ganhar a Copa do Mundo em 2002. O México foi o convidado mais assustador. Apesar de ter disputado bem menos jogos, tem mais pontos do que a Venezuela na tabela histórica da competição. No currículo, soma vitórias contra Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Jamaica, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. Estados Unidos, Costa Rica, Japão, Haiti, Panamá e Catar foram os outros participantes estrangeiros.

PEDRO UGARTE/AFP

UM, DOIS, TRÊS...

O argentino **Martín Palermo** conseguiu o impossível numa partida na primeira fase da Copa América de 1999, contra a Colômbia: perdeu três pênaltis num único jogo. Uma bola bateu no travessão, a outra foi por cima e a derradeira parou nas mãos do goleiro Miguel Calero. Resultado: 3 a 0 para os colombianos.

BUDA MENDES/LATINCONTENT/GETTY IMAGES

▲ E O PARAGUAI PASSOU EM BRANCO...

Nada se compara ao modo, aos trancos e barrancos, com que o **Paraguai** alcançou a final da Copa América de 2011, disputada na Argentina: sem nenhuma — nenhuma! — vitória. Empatou os três jogos que disputou na fase de grupos. Em seguida, eliminou o Brasil nos pênaltis nas quartas (os brasileiros não acertaram nenhum dos chutes) e a Venezuela na semifinal, também por meio de penalidades máximas. Na final, foram vencidos pelo Uruguai por 3 a 0.

MESSI SAIU À FRANCESA

A eleição do melhor jogador da Copa América acontece desde a primeira edição. Mesmo assim, há um buraco na história. No torneio realizado em 2015, no Chile, não houve um premiado. Eis o quiproquó: a entidade escolheu Lionel Messi como o destaque daquele ano, mas o camisa 10 se recusou a receber o troféu. O atacante estava frustrado por ter perdido a final para os donos da casa. No tempo normal, empate por 0 a 0, mas Messi foi o único argentino a converter sua cobrança nas penalidades e os chilenos venceram por 4 a 1. Como a premiação aconteceu logo depois da final e o 10 estava de cabeça quente, não quis receber a honraria. Sem saída, a Conmebol desistiu e deu prosseguimento às festividades, com a entrega das medalhas e da taça para os campeões.

OS PAÍSES COM MAIS TÍTULOS

País	Títulos
Uruguai	15
Argentina	14
BRASIL	9

ACERVO PLACAR

OS MAIORES ARTILHEIROS

Jogador	Gols
Norberto Méndez (ARG) e **Zizinho** (BRA)	17
Severino Varela (URU) e Teodoro Fernández (PER)	15
Paolo Guerrero (PER)	14

AS MAIORES GOLEADAS

Jogo	Placar	Data
Argentina x **Equador**	12 x 0	22/1/1942
Argentina x **Venezuela**	11 x 0	10/8/1975
Brasil x **Bolívia**	10 x 1	10/4/1949

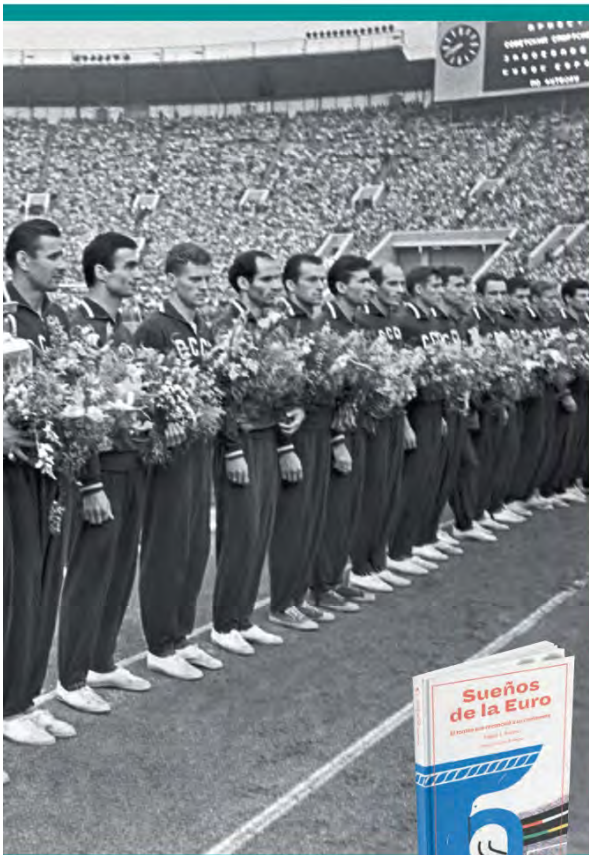
A AVENTURA

Nenhum torneio acompanhou tanto a história de seu tempo, do amadorismo ao profissionalismo, da quentura da Guerra Fria à frieza do futebol como negócio de marketing, quanto a Eurocopa. São sessenta anos fascinantes

A revista espanhola *Panenka,* lançada em 2011, é uma diversão para quem gosta do futebol entendido a partir de aspectos sociais e políticos, muito além dos gols. Diz o terceiro artigo do manifesto da publicação mensal: "Na Panenka, somos apaixonados pela capacidade de o futebol nos transportar para outros países e outras épocas. Sociedade, cultura e política saltam ao ritmo da bola". Nas próximas páginas, PLACAR publica com exclusividade para o Brasil trechos do livro *Sueños de la Euro — El torneo que reconcilió a un continente*, escrito pelo português Miguel L. Pereira, editado pela Panenka. É um fascinante passeio ao redor da aventura da mais charmosa das competições.

EUROPEIA

LEONID DORENSKI/SPUTNIK/AFP

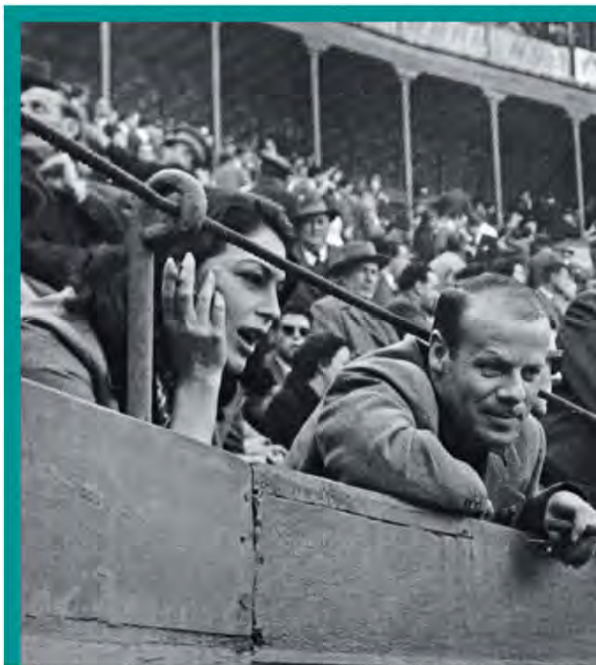
A União Soviética de 1960: era vencer ou vencer, como relata o fabuloso livro de Miguel L. Pereira (www.panenka.org)

NO PRINCÍPIO ERA O CAOS

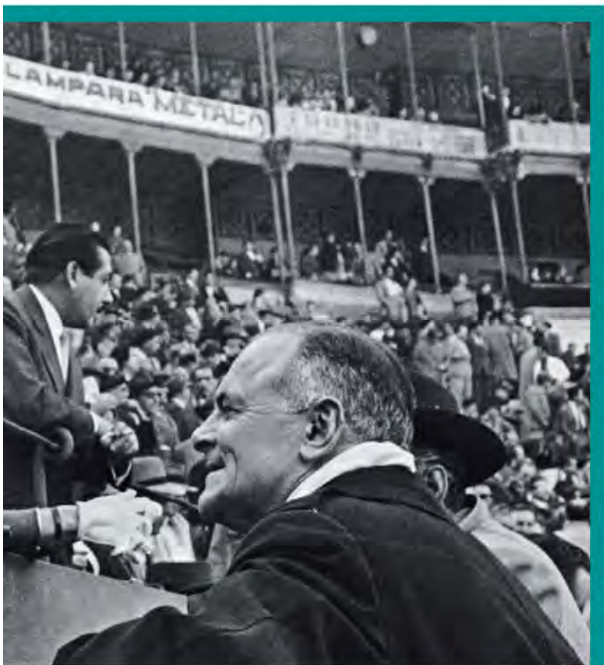
A primeira edição da Eurocopa, em 1960, foi marcada por dificuldades para organizar os jogos eliminatórios e pouco interesse da imprensa pelo novo torneio, que permitia confrontos entre países dos dois lados da chamada Cortina de Ferro. Era a Guerra Fria a esquentar nos gramados.

A poucos minutos do pontapé inicial da final, era possível cortar com faca a tensão que pairava no vestiário soviético, no Parque dos Príncipes. Dias antes de embarcar rumo a Paris, os atletas da União Soviética foram convocados ao Departamento de Propaganda do regime de Moscou. Dali, saíram com dois pedidos explícitos das autoridades. O primeiro era amigável: precisavam comportar-se sempre de forma exemplar para passar a boa imagem do cidadão soviético do outro lado da Cortina de Ferro. O segundo era mais contundente: o troféu tinha de voltar com eles. Talvez por isso, quando o treinador Gavriil Kachalin entrou, gorro nas mãos, para perguntar aos jogadores como se sentiam fisicamente, só o que se ouviu foi o silêncio. Sentindo de longe a enorme tensão que todos carregavam sobre

os ombros, o chefe da equipe médica decidiu quebrar o gelo. "Sei que todos estão prontos, mas também sei quem vai marcar o gol da vitória", disparou. Lev Yashin, a maior lenda do futebol soviético, se levantou na hora e foi até ele. Queria saber quem inspirava tanta confiança no doutor. "Ponedelnik, vai ser Ponedelnik", respondeu, olhando para o centroavante. Yashin se aproximou, seu enorme pulso cerrado, e garantiu que, se a frase não estivesse correta, ele se lembraria no fim da partida. Depois dessas palavras, todos caíram na gargalhada e, de repente, pareciam livres para seu encontro com a história. Horas depois, esses mesmos esportistas passeavam pelas ruas de Montmartre, o bairro boêmio de Paris, pulando de bar em bar para celebrar o acerto da previsão. O troféu já estava junto com as malas, pronto para embarcar de volta a Moscou. Foi o primeiro de muitos capítulos. A Europa tinha se aventurado a escrever sua epopeia particular. A Eurocopa finalmente começava a forjar sua lenda numa época cheia de tormentas inesperadas e sucessos angustiantes no continente. Um período que, no futuro, tal qual uma moeda jogada para o alto, sempre inspirou mais dúvidas do que certezas.

No princípio era o caos. Entre os primeiros jogos de ida das oitavas de final e o da volta, mais de um ano se passou. Nesse meio-tempo, outras disputas foram realizadas — um dos mata-matas só terminou quando alguns países já tinham sido eliminados na rodada seguinte. Definir datas para disputar as partidas oficiais sem pisar nos calcanhares da fulgurante Copa da Europa *(hoje a Uefa Champions League, ou Liga dos Campeões)* e enquadrando-se aos calendários de cada federação foi um exercício de permanentes ajustes por parte da Uefa. A fase preliminar teve início no segundo semestre de 1958, mas quase todas as partidas só foram disputadas no fim do ano seguinte — e algumas só em 1960. Pierre Delaunay *(1919-2019, filho de Henri Delaunay, fundador da Uefa, foi o segundo secretário-geral da instituição, sucedendo ao pai)* e seu comitê se defrontaram com um problema logístico e, ao contrário do que havia acontecido com a Copa da Europa, o impacto da Eurocopa na imprensa foi bem comedido. O mundo recém tinha se maravilhado com o Brasil de Pelé na Copa do Mundo de 1958 e, enquanto o Real Madrid de Di Stéfano seguia brilhando nos estádios europeus, o destino de um torneio que ainda não tinha nenhum peso emocional mal despertou o interesse dos jornais. Ainda assim, o público, sim, fez a sua parte desde o primeiro momento e abraçou a competição sem pestanejar. Os 100 000 torcedores soviéticos que lotaram o Estádio Lenin no dia 28 de setembro de 1958 são prova disso.

Por questões meramente políticas, os amistosos entre os países do bloco do Leste eram comuns. Havia um protocolo estabelecido entre as diferentes instâncias dos partidos comunistas que potencializavam esses duelos no formato de ida e volta para fomentar os laços entre as nações, ao mesmo tempo que os políticos usavam os confrontos para canalizar rivalidades históricas. Na prática,

muitos torcedores acompanhavam esses embates como cenários de resistência, principalmente se o rival em campo era a seleção da URSS. Até os anos 1950, a União Soviética tinha ficado fora de qualquer competição esportiva com o resto do mundo. Primeiro, porque foi vítima de um veto generalizado por parte das federações e, mais tarde, por decisão ideológica. Em resumo, o regime stalinista vivia isolado.

Mas à medida que a Guerra Fria tomava forma e o esporte se convertia em uma de suas principais armas de propaganda, o Kremlin mudou de posição. A seleção fez suas primeiras exibições na Europa no fim dos anos 1940, causando tremendo impacto — principalmente uma viagem do Dínamo de Moscou a terras inglesas. Anos mais tarde, os soviéticos participaram pela primeira vez de uma edição dos Jogos Olímpicos, em Helsinque-1952. Esse foi um ano decisivo para entender a importância que o esporte teve na definição da geopolítica mundial nas décadas seguintes. A URSS entrou de cabeça na disputa e enviou quase 300 atletas à capital finlandesa para medir-se com seus inimigos ocidentais, principalmente os Estados Unidos. Os soviéticos chegaram perto de sair vencedores, com um total de 71 medalhas, cinco a menos que os americanos. Stalin estava orgulhoso de seu programa olímpico, com uma dolorosa exceção. Muitos acreditavam que a seleção de futebol, treinada por Boris Arkadyev, o responsável pela renovação tática do país com seu modelo de jogo conhecido como *"Passovotchka"*, tinha tudo para triunfar nos gramados olímpicos. Quase todas as apostas os colocavam como favoritos à medalha de ouro, já que oficialmente só atletas amadores podiam participar — e nos regimes socialistas esse era o nome dado aos profissionais. Mas a sofrida vitória sobre a Bulgária, na estreia, deixou claro que o otimismo tinha pouca conexão com a realidade. Nas oitavas de final, os soviéticos enfrentariam a Iugoslávia. A tensão política entre os dois países estava no auge. Liderados por partisanos *(grupos de resistência)* sob o comando de Josip Broz Tito, os iugoslavos haviam enfrentado o império soviético e terminaram por romper relações no fim de 1948. Era o único país do mundo que, após abraçar a via comunista, decidira manter-se independente do jugo de Moscou. Na prática, isso significava viver numa espécie de terra de ninguém. Nos anos seguintes, Tito, um croata que usou seu carisma para unir povos acostumados a lutar entre si desde muitos séculos, criou uma terceira via — sem ataduras soviéticas nem americanas, em sintonia com vários países africanos e asiáticos. Em 1952, esse projeto estrutural de um país que havia nascido sob múltiplas contradições ainda estava sendo cimentado e Tito sabia claramente que o maior risco à sua liderança política era a figura totêmica de Stalin. Foi assim que o esporte se transformou em

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

Ava Gardner numa Plaza de Toros de Madri, em 1964: ambiente de festa no tempo do fascismo de Francisco Franco, durante a segunda edição da Euro

uma reprodução (em escala menor) do conflito ideológico entre Belgrado e Moscou. E os Jogos Olímpicos daquele ano foram o ponto de partida desse duelo. (O primeiro jogo entre os dois países terminou empatado em 5 a 5, obrigando à realização de uma nova partida. Dois dias depois, a Iugoslávia venceu por 3 a 1. Depois, passou por Dinamarca e Alemanha, mas perdeu a final para a Hungria, por 2 a 0.)

A ÚLTIMA BATALHA DA GUERRA CIVIL

De um lado, os comunistas da União Soviética defendendo o título. Do outro, a Espanha fascista do Generalíssimo Franco. Em campo, ideologia e futebol se misturaram umbilicalmente na final da segunda edição do torneio, em 1964.

A Espanha estava em festa. Completavam-se 25 anos do fim da Guerra Civil e, sob o comando do ministro de Informação e Turismo, Manuel Fraga, uma série de eventos celebrava o triunfo de um país. (...) Nos vilarejos da serra de Madri eram rodados alguns dos filmes de maior orçamento da história de Hollywood, graças a acordos cujo objetivo era transformar a capital em ponta de lança do império cinematográfico americano na Europa. Enquanto estrelas de renome internacional como Sophia Loren, Ava Gardner e Charlton Heston se esbarravam na noite com os grandes toureiros e dançarinos e dançarinas de flamenco, milhares de militares e moradores acordavam cedo para atuar como extras nos filmes em troca de comida. Nesse ambiente de celebrações e um pretenso novo cosmopolitismo, *(o ditador Francisco)* Franco passeava pelo país e era recebido por multidões. Os "XXV anos de paz", como Fraga os batizou, eram mais do que um slogan. Eram uma forma de agrupar as realizações do regime. E o futebol, indiscutivelmente a grande paixão nacional, era parte das comemorações. O Generalíssimo, também ele um fã de apostas, sabia muito bem disso. Ainda assim, tinha dúvidas se deveria ir à tribuna de honra para a grande final. A difícil vitória sobre os húngaros — mais o passeio dos soviéticos na outra semifinal — assustava o ditador. Vários falangistas *(a Falange era o partido único na Espanha daqueles tempos)* defendiam sua ausência e um deles chegou a propor de drogar a comitiva soviética para garantir o título a qualquer custo. Solís Ruiz, secretário-geral do Movimiento *(Movimento Nacional era a organização totalitária, de inspiração fascista, que orientava a vida política)*, teve papel decisivo para convencer o ditador de que sua presença era indispensável, tanto do ponto de vista propagandístico quanto para motivar a equipe.

Vicente Gil, médico pessoal de Franco e, como ele, um apostador inveterado, tinha a mesma opinião. A Espanha ganharia jogando e sua presença no estádio era fundamental para capitalizar o triunfo. Tudo foi organizado, nos mínimos detalhes, para fazer da partida uma vitrine do regime. Nas arquibancadas do Estádio Chamartín, lotadas com quase 120 000 pessoas, grupos falangistas se posicionaram estrategica-

ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

O espetacular voleio de Marco van Basten na final de 1988, contra a União Soviética: um golaço emoldurado pela inovadora camisa geométrica da Holanda

mente em diferentes setores para estimular a multidão a saudar a chegadas das autoridades. Com os dois times já no gramado, Franco fez sua entrada triunfal, acompanhado da mulher, Carmen Polo, e com Juan Carlos de Bourbon e Sofía da Grécia *(que assumiriam como rei e rainha da Espanha em 1975)* num discreto segundo plano. Gritos de "Franco, Franco, Franco!" ressoaram das cadeiras até o céu de Madri naquela noite muito abafada. Bandeiras da Espanha tremulavam de forma grandiloquente, enquanto os jogadores, no gramado, contemplavam o comício em que o jogo havia se transformado. Mas a seleção espanhola estava focada, semanas e semanas pensando no confronto. Na concentração, em La Ventosa, perto do Pardo, o treinador usou terra para fazer o desenho tático de como poderia ser a partida. Catou no chão pequenas pinhas para representar o time soviético e pedras para fazer as vezes de seus jogadores. Todos esperavam uma explicação tática, mas, sem dizer nada, Villalonga pegou as pedras e destroçou as pinhas, uma por uma. No final, virou-se para os atletas e exclamou: "Como podem ver, as pinhas não podem esmagar as pedras, mas as pedras, sim, podem esmagar as pinhas. Vós sois pedras, em espírito e corpo!". Era tudo o que os jogadores precisavam ouvir. Tinham consciência de que, no campo do Real Madrid, estava em disputa talvez a última batalha da Guerra Civil Espanhola, um quarto de século depois do desastre — a guerra psicológica definitiva contra o monstro comunista, que no fim dos anos 1930 era apenas um sussurro, mas que com o passar do tempo se havia convertido no vilão que perturbava as noites do Ocidente.

Os soviéticos, acostumados a ver multidões semelhantes em seu próprio estádio hipnotizadas pela histeria nacionalista, nem se abalaram. A chuva começava a cair, levantando o típico cheiro de terra molhada e deixando o gramado pesado e enlameado. Era o cenário perfeito para reproduzir uma batalha, mais do que uma partida de futebol, e com dois times que tinham no contato físico sua principal arma; em outras palavras, estava claro que não faltaria intensidade. A Espanha vestida de azul, um azul que lembrava as cores da Falange. Até nesse detalhe, diante do vermelho vivo da seleção soviética o passado ganhava vida em Chamartín. Os espanhóis sabiam que tinham de começar fortes porque o cansaço da partida contra a Hungria chegaria cedo ou tarde e o time soviético era muito poderoso, apesar de o técnico Beskov contar com apenas três titulares da equipe campeã da Eurocopa de quatro anos antes: Yashin, Ivanov e Ponedelnik. *(A Espanha abriu o placar aos seis minutos, levou o empate apenas dois minutos mais tarde e só conseguiu fazer o gol da vitória, por 2 a 1, aos 39 do segundo tempo.)*

A celebração de Michel Platini na conquista da França, em 1984, no Parque dos Príncipes: o início da era do melhor futebol europeu de todos os tempos

ROLAND WITSCHEL/PA/GETTY IMAGES

A ERA DO ESPETÁCULO

Antes que o mundo da bola se mercantilizasse totalmente, os campeonatos de 1984 e 1988 mostraram ao mundo o melhor do futebol europeu em todos os tempos, com craques como Van Basten, Platini, Gullit, Laudrup e Matthäus.

Se alguém tivesse de escolher um momento icônico, só um, das Eurocopas dos anos 1980, teria grandes dificuldades. Olhando em retrospectiva, qual escolher? O voleio de Van Basten ou a mítica celebração com os braços levantados para o ar de Platini? Os dribles endiabrados de Chalana ou os movimentos de extraterrestre de Gullit? Os passes geométricos de Laudrup ou as arrancadas brutais de Matthäus? (Difícil, não. Impossível!) Nos anos 1980, o futebol se reencontrou consigo mesmo. Foi a década que consagrou as equipes que apostavam no ataque. Foi a década das Copas do Mundo mais divertidas. Mas, se queremos ser justos, os anos 1980 foram principalmente os anos de ouro da história das Eurocopas. Das camisetas emblemáticas da Adidas, que mudaram para sempre a estética do esporte-rei. Das arquibancadas lotadas, transbordando de cores e emoções. Dos protagonistas inesperados e das novas estrelas globais. Se quiséssemos enviar uma cápsula para o espaço com as lembranças mais belas da história da competição, bastaria compilar algumas partidas dessas duas edições (1984 e 1988). Depois do fracasso de 1980 e antes que o mundo do futebol se

mercantilizasse por completo, vivemos a época do espetáculo. O sonho de Delaunay era esse. O desânimo provocado pela decepcionante edição de 1980 foi um ponto de inflexão para a Uefa. Era preciso impor pequenos ajustes ao modelo e começar a buscar um impacto comercial maior.

A edição italiana tinha sido a primeira a contar com um álbum de figurinhas oficial e também cerimônias de abertura e encerramento transmitidas ao vivo pela televisão. Para o torneio seguinte, a organização queria ir além e imitar o que a Fifa já fazia com seus patrocinadores oficiais dispostos nos painéis ao lado do campo. Em dezembro de 1981, a Uefa anunciou o país anfitrião. No princípio, a candidatura mais forte parecia ser a da Inglaterra, que havia tentado organizar a Eurocopa de 1980, mas depois da destruição provocada por seus torcedores em Turim, os ingleses foram excluídos — deixando a disputa entre franceses e alemães. A França havia abrigado a edição inaugural e os alemães nunca tinham acolhido o torneio, mas a proposta francesa conquistou o comitê ao prever, de forma surpreendente, sete cidades-sede, um recorde absoluto. Não apenas haveria sete estádios para receber as quinze partidas previstas (voltavam as semifinais e era descartada definitivamente a disputa pelo terceiro lugar), como as seleções também teriam de se deslocar entre essas cidades, de forma que não voltaria a se repetir o desolador panorama de arquibancadas vazias do campeonato anterior. Outra novidade trazida pela França em 1984 foi a inauguração de novos estádios para celebrar o torneio. Nas primeiras seis edições, todos os locais já existiam — e muitos estavam em clara decadência. Nunca tinha havido interesse em aproveitar o evento para melhorar a infraestrutura nacional, mas tudo isso acabou com a ambiciosa proposta francesa, que além de incluir reformas de cenários como o Vélodrome, de Marselha, e o Gerland, de Lyon, apostou na construção de La Beaujoire, em Nantes, e La Meinau, em Estrasburgo. A esses quatro estádios se uniam o Geoffroy-Guichard, que o Saint-Étienne havia popularizado em suas participações na Copa dos Clubes Campeões, na década anterior, o Félix Bollaert, de Lens, com sua estética britânica e, claro, o Parque dos Príncipes, que tinha se tornado lar do Paris Saint-Germain.

REVOLUÇÃO DO DESIGN

Os uniformes levados a campo pelas seleções da Alemanha, da Holanda e da União Soviética em 1988 anteciparam tendências da moda e foram o ponto de partida para a explosão nas vendas de camisetas que vemos até hoje.

Nenhuma edição da Eurocopa traduziu melhor as mudanças de tendências e a modernização dos equipamentos rumo a uma nova estética como a de 1984. As primeiras novidades na indústria começaram a aparecer nos primeiros anos da década. A Adidas foi a primeira marca a tentar algo original quando desenhou o uniforme da seleção francesa para a Eurocopa de 1984, com suas listras horizontais vermelhas e brancas estampadas sobre o peito, evocando a bandeira nacional. O futuro estava logo ali — e ele prometia ser colorido. A Hummel havia desenhado uma enigmática camiseta com a qual a seleção dinamarquesa se destacou no Mundial do México, em 1986, mas foram dois designs da marca alemã (as três listras horizontais sobre o peito com as cores da bandeira da Alemanha Ocidental e as figuras hexagonais da Holanda e da União Soviética) que revolucionaram tudo, na Eurocopa de 1988. A versão alemã se tornou ainda mais popular dois anos mais tarde, com o título mundial conquistado na Itália, pois a camiseta era igual à de 1988 por insistência de Franz Beckenbauer, que gostava do estilo. Por trás dessa profunda transformação na habitualmente simples camiseta branca alemã havia uma mulher, Ina Franzmann. Ina vinha de uma família com várias gerações trabalhando no mundo da moda. No início dos anos 1980, chegou aos escritórios da Adidas, um ambiente eminentemente masculino. Depois de ver vários projetos fracassados para a nova camiseta, desenhou a mão um modelo que, acreditava, era mais adequado aos novos tempos. Levou-o ao chefe, que ficou louco com a ideia e logo a apresentou à Federação Alemã.

A versão geométrica da camisa holandesa marcou uma ruptura com o passado, mas também com o futuro. A camiseta laranja hexagonal só foi utilizada naquelas cinco partidas da Eurocopa de 1988. Nunca antes, nunca depois. Ninguém queria alongar seu tempo de vida quando ela tinha sintetizado tão bem sua razão de ser. Foi um hiato na evolução do conceito visual mostrado pelas grandes seleções nacionais, mas não motivado (ainda) pela venda em massa para os torcedores. Essa realidade chegaria depois. O que se queria, na época, era acima de tudo criar uma identidade visual para cada país dentro do espaço coletivo que é o campo de jogo. Um pouco como a própria Comunidade Europeia, que naquele tempo fazia suas primeiras experiências em busca de uma bandeira comum. ■

A CAMINHO DE WEMBLEY

Serão cinquenta jogos, em onze países, até a final, em Wembley — na maioria dos casos, sem torcida nos estádios ou com acesso muito restrito a torcedores. Os horários marcados abaixo são os de **Brasília**.

 Fique de olho Imperdível Grupo da morte

COMO PREENCHER A PONTUAÇÃO

ITÁLIA

- **Vitória** vale **3** pontos
- **Empate** vale **1** ponto
- **Derrota** vale **zero** ponto

AS SEDES

ROMA	ROM	LONDRES	LON
BAKU	BAK	GLASGOW	GLA
SÃO PETERSBURGO	SPT	SEVILHA	SEV
COPENHAGUE	COP	MUNIQUE	MUN
AMSTERDÃ	AMS	BUDAPESTE	BUD
BUCARESTE	BUC		

FASE DE GRUPOS

GRUPO A — ITÁLIA | SUÍÇA | PAÍS DE GALES | TURQUIA

						SEDE
11/6	(SEX.)	16H	TURQUIA	X	ITÁLIA	ROM
12/6	(SÁB.)	10H	PAÍS DE GALES	X	SUÍÇA	BAK
16/6	(QUA.)	13H	TURQUIA	X	PAÍS DE GALES	BAK
16/6	(QUA.)	16H	ITÁLIA	X	SUÍÇA	ROM
20/6	(DOM.)	13H	ITÁLIA	X	PAÍS DE GALES	ROM
20/6	(DOM.)	13H	SUÍÇA	X	TURQUIA	BAK

PONTOS: ITÁLIA / SUÍÇA / PAÍS DE GALES / TURQUIA

GRUPO B — BÉLGICA | DINAMARCA | FINLÂNDIA | RÚSSIA

						SEDE
12/6	(SÁB.)	13H	DINAMARCA	X	FINLÂNDIA	COP
12/6	(SÁB.)	16H	BÉLGICA	X	RÚSSIA	SPT
16/6	(QUA.)	10H	FINLÂNDIA	X	RÚSSIA	SPT
17/6	(QUI.)	13H	DINAMARCA	X	BÉLGICA	COP
21/6	(SEG.)	16H	FINLÂNDIA	X	BÉLGICA	SPT
21/6	(SEG.)	16H	RÚSSIA	X	DINAMARCA	COP

PONTOS: BÉLGICA / DINAMARCA / FINLÂNDIA / RÚSSIA

GRUPO C — HOLANDA | UCRÂNIA | MACEDÔNIA DO NORTE | ÁUSTRIA

						SEDE
13/6	(DOM.)	13H	ÁUSTRIA	X	MAC. DO NORTE	BUC
13/6	(DOM.)	16H	HOLANDA	X	UCRÂNIA	AMS
17/6	(QUI.)	10H	UCRÂNIA	X	MAC. DO NORTE	BUC
17/6	(QUI.)	16H	HOLANDA	X	ÁUSTRIA	AMS
21/6	(SEG.)	13H	UCRÂNIA	X	ÁUSTRIA	BUC
21/6	(SEG.)	13H	MAC. DO NORTE	X	HOLANDA	AMS

PONTOS: HOLANDA / UCRÂNIA / MAC. DO NORTE / ÁUSTRIA

GRUPO D — INGLATERRA | CROÁCIA | ESCÓCIA | REPÚBLICA CHECA

						SEDE
13/6	(DOM.)	10H	INGLATERRA	X	CROÁCIA	LON
14/6	(SEG.)	10H	ESCÓCIA	X	REP. CHECA	GLA
18/6	(SEX.)	13H	CROÁCIA	X	REP. CHECA	GLA
18/6	(SEX.)	16H	INGLATERRA	X	ESCÓCIA	LON
22/6	(TER.)	16H	REP. CHECA	X	INGLATERRA	LON
22/6	(TER.)	16H	CROÁCIA	X	ESCÓCIA	GLA

PONTOS: INGLATERRA / CROÁCIA / ESCÓCIA / REP. CHECA

GRUPO E — ESPANHA | POLÔNIA | SUÉCIA | ESLOVÁQUIA

						SEDE
14/6	(SEG.)	13H	POLÔNIA	X	ESLOVÁQUIA	SPT
14/6	(SEG.)	16H	ESPANHA	X	SUÉCIA	SEV
18/6	(SEX.)	10H	SUÉCIA	X	ESLOVÁQUIA	SPT
19/6	(SÁB.)	16H	ESPANHA	X	POLÔNIA	SEV
23/6	(QUA.)	13H	SUÉCIA	X	POLÔNIA	SPT
23/6	(QUA.)	13H	ESLOVÁQUIA	X	ESPANHA	SEV

PONTOS: ESPANHA / POLÔNIA / SUÉCIA / ESLOVÁQUIA

GRUPO F — FRANÇA | ALEMANHA | PORTUGAL | HUNGRIA

						SEDE
15/6	(TER.)	13H	HUNGRIA	X	PORTUGAL	BUD
15/6	(TER.)	16H	FRANÇA	X	ALEMANHA	MUN
19/6	(SÁB.)	10H	HUNGRIA	X	FRANÇA	BUD
19/6	(SÁB.)	13H	PORTUGAL	X	ALEMANHA	MUN
23/6	(QUA.)	16H	ALEMANHA	X	HUNGRIA	MUN
23/6	(QUA.)	16H	PORTUGAL	X	FRANÇA	BUD

PONTOS: FRANÇA / ALEMANHA / PORTUGAL / HUNGRIA

Os dois primeiros classificados de cada um dos seis grupos avançam para as oitavas de final, juntamente com os quatro melhores terceiros colocados.
OITAVAS DE FINAL
QUARTAS DE FINAL
SEMIFINAIS
QUARTAS DE FINAL
OITAVAS DE FINAL
1 26/6 (sáb.) 16h LONDRES
1º do grupo A X 2º do grupo C
2 27/6 (dom.) 16h SEVILHA
1º do grupo B X 3º do grupo A, D, E ou F
3 26/6 (sáb.) 13h AMSTERDÃ
2º do grupo A X 2º do grupo B
4 27/6 (dom.) 13h BUDAPESTE
1º do grupo C X 3º do grupo D, E ou F
9 2/7 (sex.) 16h MUNIQUE
Vencedor jogo 1 X Vencedor jogo 2
11 3/7 (sáb.) 13h BAKU
Vencedor jogo 3 X Vencedor jogo 4
13 6/7 (qua.) 16h LONDRES
Vencedor jogo 9 X Vencedor jogo 10
14 7/7 (ter.) 16h LONDRES
Vencedor jogo 11 X Vencedor jogo 12
10 2/7 (sex.) 13h SÃO PETERSBURGO
Vencedor jogo 5 X Vencedor jogo 6
12 3/7 (sáb.) 16h ROMA
Vencedor jogo 7 X Vencedor jogo 8
5 28/6 (seg.) 13h COPENHAGUE
2º do grupo D X 2º do grupo E
6 28/6 (seg.) 16h BUCARESTE
1º do grupo F X 3º do grupo A, B ou C
7 29/6 (ter.) 13h LONDRES
1º do grupo D X 2º do grupo F
8 29/6 (ter.) 16h GLASGOW
1º do grupo E X 3º do grupo A, B, C ou D
FINAL 11/7 (dom.) 16h LONDRES
Vencedor jogo 13 X Vencedor jogo 14

ITÁLIA

A EUROPA PODE SER DA AZZURRA

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE *PLACAR*

A última derrota da Itália foi em 10 de setembro de 2018 — 1 a 0 para Portugal, pela Liga das Nações. De lá para cá, foram vinte vitórias e apenas cinco empates. Ganhou os dez jogos das Eliminatórias da Euro, com 37 gols a favor, atrás apenas da Bélgica, e uma goleada de 9 a 1 sobre a Armênia. O time, que não conseguiu se classificar para a Copa do Mundo da Rússia, em 2018, passou por uma profunda renovação. As exceções são três veteranos na zaga: o lateral Florenzi, 30 anos, e os zagueiros Chiellini, 36 anos, e Bonucci, 34. O goleiro Donnarumma, 22 anos, atua no Milan e tem o mesmo nome de batismo de seu antecessor, o genial Gianluigi Buffon (recordista de participações com a seleção: 176). Dois brasileiros estão entre os titulares: o lateral-esquerdo Emerson e o meia Jorginho. Marco Verratti, do Paris Saint-Germain, comanda o meio-campo. E, no ataque, os gols saem dos pés de Insigne, do Napoli, e Immobile, da Lazio *(leia abaixo).*

HISTÓRICO

Disputou nove edições. Foi campeã em 1968, em casa *(leia à dir.)*, ensaio geral para a Copa do Mundo de 1970, no México, com craques míticos como Zoff, Facchetti e Riva. Em 2000 e 2012, ficou com o vice. Perdeu para a Alemanha nas quartas de final em 2016

O PERIGO

LEGÍTIMO NAPOLITANO

Aos 29 anos, o ponta-esquerda destro **Lorenzo Insigne,** do Napoli, tem a honra de vestir a camisa 10 da seleção italiana. No início da carreira, chegou a ser emprestado para o Cavese, o Foggia e o Pescara. Retornou em 2012 e, de lá para cá, é um dos jogadores mais identificados com o clube.

O MATADOR

O IMÓVEL QUE NÃO PARA

Natural de Torre Annunziata, próximo a Nápoles, **Ciro Immobile,** 31 anos, foi revelado pelo Sorrento. Com 18 anos, chegou à Juventus. Entre 2010 e 2016, passou por meia dúzia de times. Na Lazio, enfim, sua carreira deslanchou. Na seleção, já fez quarenta jogos e catorze gols. É o dono da Chuteira de Ouro da Uefa.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

TIME-BASE 4-3-3

O TREINADOR

O RENASCIMENTO ROMANO

Roberto Mancini jogou como meia e atacante entre 1981 e 2001 — e imediatamente se tornou técnico. Já passou por Fiorentina, Lazio e Internazionale, entre outros clubes. Serviu à seleção italiana por dez anos, mas nunca conquistou um lugar de titular no time. Em 2018, depois do fracasso na classificação para a Copa da Rússia, ele assumiu o comando da seleção e vem promovendo uma louvável renovação na equipe — e não haveria mesmo outro caminho. Passou invicto pelas eliminatórias e chega à Euro como um dos favoritos ao título, embora muitos desdenhem dessa real possibilidade. E, surpresa: o time não é trancado lá atrás.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

DPA/GETTY IMAGES

A celebração, em 1968: a Azzurra foi à final na sorte

"VOCÊ QUER CARA OU COROA?"

A terceira edição da Eurocopa foi disputada na Itália, em 1968. Em um das semifinais, em Nápoles, a Itália enfrentou a poderosa União Soviética, que tinha erguido a taça em 1960 e ficado com o vice em 1964. Debaixo de muita chuva e com Rivera machucado, num tempo em que não havia substituições durante o jogo, foram 120 minutos sem gols. O livro *Sueños de la Euro* (Sonhos da Euro), que tem trechos publicados nas primeiras páginas desta edição de PLACAR, descreve o que aconteceu depois: "O regulamento previa um sorteio (!!!) para decidir quem passaria à decisão. No vestiário, o juiz perguntou ao capitão soviético se ele queria cara ou coroa, mas Shesternyov só falava russo... Facchetti, conhecido na concentração italiana por ser bom em jogos de azar, pediu coroa — e logo depois voltou correndo para o gramado para celebrar a classificação".

Na final, novo empate no tempo regulamentar, contra a Iugoslávia. E, após duas partidas em que nunca foi superior aos adversários, a Azzurra finalmente se encontrou na prorrogação e fez dois gols, para euforia dos 50 000 torcedores que lotavam o Estádio Olímpico de Roma.

URS LINDT-FRESHFOCUS/GETTY IMAGES

SUÍÇA

RELÓGIO QUE COSTUMA ATRASAR

PALPITE PLACAR: POUCAS CHANCES

A Suíça não é precisa como um relógio. É um permanente vaivém. Terminou a fase eliminatória com o ótimo primeiro lugar em seu grupo, à frente da sempre complicada Dinamarca. Contudo, na Liga das Nações amargou a última posição em seu grupo, na cola de Alemanha, Espanha e Ucrânia. O time é experiente e os principais jogadores atuam nas maiores ligas do continente europeu, mas a oscilação pode ser decisiva. Em resumo: tem chance de ir às oitavas — ao que tudo indica, contudo, dificilmente passará daí, como aconteceu em 2016.

HISTÓRICO

Disputou apenas quatro edições. O melhor desempenho foi em 2016: chegou às oitavas de final e foi eliminada pela Polônia na disputa de pênaltis

O DESTAQUE

ARMAÇÃO À ESQUERDA

Na estreia (contra o Brasil) na Copa do Mundo da Rússia, em 2018, **Granit Xhaka** já era havia muitos anos o meia do time vermelho e branco dos Alpes. O jogador do Arsenal é o grande líder da Suíça em campo. Tem 28 anos, foi convocado pela primeira vez em 2011 e já jogou mais de noventa vezes pelo seu país. Seus principais atributos são os chutes de longa distância e os dribles com a perna esquerda.

TIME-BASE 3-5-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

DEVAGAR SE VAI LONGE

Bósnio de nascimento, **Vladimir Petkovic** jogou como meia por clubes de seu país e também pela seleção da Suíça, país no qual se naturalizou. Em 1997, virou treinador. Graças ao bom trabalho na Lazio, da Itália, em 2012 e 2013, foi chamado a assumir o comando da equipe alpina no ano seguinte. Aos 57 anos, seu maior feito — e não é pouca coisa — foi chegar às oitavas de final da Copa de 2018. A Suíça acabou eliminada pela Suécia.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

HISTÓRICO

Disputou uma única edição, em 2016, e foi eliminado na semifinal por Portugal. Os portugueses seriam campeões

TIME-BASE 3-4-3

Ward;
Mepham
Rodon
Ben Davies;
Roberts
Ampadu
Morrell
Williams;
Bale
James
Wilson

PAÍS DE GALES

O PATINHO FEIO

O país do Reino Unido com menos tradição no futebol (só jogou uma Copa e uma Euro) quer virar o jogo. Em sua estreia continental, em 2016, o time surpreendeu ao chegar à semifinal, com atuações brilhantes de suas estrelas, Gareth Bale *(leia abaixo)* e Aaron Ramsey, meia da Juventus que se recupera de uma contusão.

O TREINADOR

INTERINO-BOMBEIRO

BESTPHOTO

Rob Page assumiu a equipe às vésperas da Euro depois que o técnico principal, Ryan Giggs, ídolo do Manchester United, foi retirado do cargo por denúncias de ter agredido duas mulheres (ele nega).

MARC ATKINS/GETTY IMAGES

O DESTAQUE

DECISÃO É COM ELE

De volta ao Tottenham, aos 31 anos, **Gareth Bale** pode não ter o mesmo vigor de antigamente, mas durante sua passagem pelo Real Madrid (e também na seleção) o ponta canhoto provou ser decisivo em jogos relevantes.

HISTÓRICO

Disputou quatro edições. Chegou à semifinal em 2008, derrotada pela Alemanha. Foi eliminada na fase de grupos em 2016

TIME-BASE 4-1-4-1

Çakir;
Çelik
Kabak
Söyüncü
Meras;
Yokuslu;
Yazici
Ozan Tufan
Çalhanoglu
Karaman;
Burak Yilmaz

TURQUIA

FORTALEZA BIZANTINA

As construções em pedra em volta da principal cidade do Império Bizantino (hoje Istambul) eram a eficaz forma de defesa contra ataques dos povos vizinhos. Séculos depois, a seleção turca levou o conceito de segurança para dentro dos gramados. A fortaleza liderada pelo ótimo Söyüncü *(leia abaixo)* garantiu a melhor defesa das Eliminatórias para a Eurocopa ao lado da Bélgica.

O TREINADOR

O PAI DO FERROLHO

BESTPHOTO

Lembra como foi difícil para Rivaldo, Ronaldo e cia. furarem a defesa da Turquia na abertura e na semi da Copa de 2002? O ferrolho foi montado pelo técnico **Şenol Güneş,** que está de volta.

QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

O DESTAQUE

CACIQUE DA ZAGA

O zagueiro **Çağlar Söyüncü,** de 25 anos, é o "camisa 10" da zaga. Forte no jogo aéreo e técnico na saída de bola, não é à toa que o jogador do Leicester é cobiçado por vários gigantes da Europa. É a garantia de retranca firme e muito bem organizada.

BÉLGICA

O FOGO DOS DIABOS VERMELHOS

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE *PLACAR*

Não havia desfecho melhor para confirmar a classificação da Bélgica na Eurocopa de 2021 do que um sonoro 9 a 0 sobre San Marino, em Bruxelas, em 10 de outubro de 2019. O resultado garantiu à seleção a sua sexta participação na competição e consolidou uma campanha imbatível: dez vitórias em dez jogos. Foi só mais uma das marcas alcançadas por uma equipe que se acostumou a grandes séries invictas e fez até do Brasil, nas quartas de final da Copa da Rússia, em 2018, uma de suas vítimas. A geração de Romelu Lukaku, Kevin De Bruyne, Eden Hazard e cia. agora quer bem mais. Favorito ao primeiro lugar do grupo, muito à frente de Dinamarca, Finlândia e Rússia, o time segue sob o comando do espanhol Roberto Martínez, no cargo desde 2016. Convém prestar atenção em um jovem talento: Youri Tielemans, de 24 anos. Pode ser vacina contra a má fase do camisa 10 Eden Hazard, que luta contra lesões em série desde a chegada ao Real Madrid.

HISTÓRICO

Disputou cinco edições. Foi vice-campeã em 1980, ao perder a final para a Alemanha Ocidental *(leia na pág. ao lado)*. Foi derrotada pelo País de Gales nas quartas de final em 2016

O DESTAQUE

ADEUS À PIZZA

Desde 2019 na Inter de Milão, o camisa 9 **Romelu Lukaku** acostumou-se a outro patamar: o de atacante capaz de enfileirar recordes. No último deles, superou Ronaldo Fenômeno, autor de 59 gols pelo clube. Mas Lukaku também venceu adversários fora de campo: a balança e a pizza com abacaxi, favorita entre os doces. Emagreceu e chega como principal referência belga.

A CERTEZA

O CRAQUE HUMILDE

O anúncio da renovação do contrato de **Kevin De Bruyne** com o Manchester City, em abril, foi comemorado como uma vitória. Dono de passes precisos, com raro olhar de jogo e imenso repertório, ele é tido como um craque humilde pela dedicação em campo. Pelos pés de De Bruyne passam as chances da Bélgica.

SYLVAIN LEFEVRE/GETTY IMAGES

ANGELO BLANKESPOOR/GETTY IMAGES

TIME-BASE 3-4-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O DISCÍPULO DE CRUYFF

Escolhido em julho de 2016 de modo incomum, após a federação de futebol do país anunciar em sua página na internet a procura por um técnico, o espanhol **Roberto Martínez** é o rosto de uma pequena grande revolução belga. De carreira modesta como jogador e ainda sem nenhum trabalho brilhante até chegar ao posto na seleção — passagens por Swansea, Wigan e Everton —, conseguiu marcas relevantes pela seleção até aqui, a começar pela eliminação do Brasil na Copa de 2018. Martínez é discípulo do lendário craque e treinador holandês Johan Cruyff (1947-2016), amigo pessoal e um de seus maiores incentivadores.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

GETTY IMAGES

O time dirigido por Guy Thys em 1980: vice-campeão

A PRIMEIRA GERAÇÃO DOURADA

Ficou na lembrança recente dos belgas o terceiro lugar na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, depois de despachar o Brasil nas quartas. Há, contudo, uma outra grande campanha que fez a fama da seleção: a final da Euro de 1980, na Itália. Contando com craques como Pfaff, goleiro que virou referência no país, além de Cools e Ceulemans, principais nomes do vice-campeonato do Club Brugge na Liga dos Campeões de 1978, a seleção terminou a primeira fase liderando um grupo considerado da morte, com Itália, Inglaterra e Espanha. Foram dois empates e uma vitória. Pelo regulamento, campeões de chave se enfrentariam na final. Os segundos colocados, Itália e Checoslováquia, decidiram o terceiro lugar. Na final, contra a Alemanha Ocidental, a Bélgica empatava em 1 a 1 até os 43 do segundo tempo, quando Hrubesch, autor do primeiro gol da partida, marcou novamente para os alemães e pôs fim ao sonho da inédita conquista. De qualquer forma, foi a recuperação da confiança de uma seleção que nem sequer havia ido às Copas anteriores. Destacou-se, naquela jornada, a figura do técnico **Guy Thys,** que se tornou uma lenda viva no país. Ele ainda conduziria, anos depois, a Bélgica, com a base montada em 1980, ao quarto lugar na Copa de 1986, no México. Perdeu na semi para a Argentina de Maradona.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

DINAMARCA

PARA LEMBRAR A "DINAMÁQUINA"

PODE CHEGAR

PALPITE PLACAR

Entre 1986 e 1995, a Dinamarca viveu sua década de ouro. Na Copa do Mundo do México, foi apelidada de "Dinamáquina". Em 1992, venceu a Euro, derrotando a Holanda na semifinal e a Alemanha na decisão. Três anos depois, papou a Copa das Confederações em cima da Argentina. Desde então, basta olhar para o goleiro Kasper Schmeichel (filho do lendário Peter, que brilhou naqueles anos dourados) para todos sonharem com um novo sucesso da seleção vermelha e branca. Será que vai ser agora? Há reais possibilidades, com uma equipe de ótimo toque de bola e frequentemente veloz.

HISTÓRICO

Disputou oito edições. Foi campeã em 1992, com uma equipe comandada pelos irmãos Laudrup e pelo goleiro Schmeichel. Não se classificou para o último torneio, em 2016

O DESTAQUE

ESTÍMULO OU PRESSÃO?

Assim como a Espanha, a Dinamarca é uma das anfitriãs da Euro e joga suas três primeiras partidas em Copenhague. Resta saber se isso servirá de estímulo ou de pressão para o time, liderado por **Christian Eriksen,** da Inter de Milão. Ele foi o mais jovem atleta do Mundial de 2010, na África do Sul, e, aos 29 anos, já atuou mais de 100 vezes com a camisa vermelha e branca.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O RECÉM-CHEGADO

Uma lesão no joelho, aos 26 anos, abreviou a carreira de jogador de **Kasper Hjulmand** (hoje com 49). No mesmo ano, em 1998, ele assumiu como treinador das categorias de base do Lyngby. Também comandou o Nordsjaelland, em sua Dinamarca natal, e o Mainz 05, na Alemanha, antes de se tornar o técnico da seleção principal de seu país, em julho do ano passado. Fez apenas onze jogos, com oito vitórias, um empate e duas derrotas.

LARS RONBOG/FRONTZONESPORT/GETTY IMAGES

HISTÓRICO

Estreante. Nas Eliminatórias, ficou em segundo lugar no grupo da Itália, à frente de Grécia e Bósnia

TIME-BASE 5-3-2

Hrádecký;
Granlund
Toivio
Arajuuri
Väisänen
Uronen;
Kamara
Schüller
Kauko;
Lod
Pukki

FINLÂNDIA

OS HOMENS DO GELO

Depois do sucesso da Islândia, chegou a vez da Finlândia fazer sua estreia em competições internacionais. O país, que nunca se classificou para uma Copa do Mundo, está pela primeira vez na Euro. Dificilmente escapará do último lugar em um grupo forte. Contudo, como não tem nada a perder e nenhuma pressão, o caminho para eventuais sustos está aberto.

O TREINADOR

O CAPITÃO NÓRDICO

Técnico das categorias de base da Finlândia, interino e assistente de vários colegas, **Markku Kanerva,** 57 anos, assumiu a seleção principal em dezembro de 2016. Ter chegado à Euro já é um grande feito.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O DESTAQUE

A BOLA É DELE

O atacante **Teemu Pukki,** 31 anos, do Norwich City, da Inglaterra, é a estrela solitária da Finlândia. Segue os passos de Litmanen (Ajax) e Hyypiä (Liverpool), que venceram a Liga dos Campeões.

HISTÓRICO

Disputou 11 edições. Campeã em 1960 e vice em 1964, 1972 e 1988 (todas como União Soviética). Foi eliminada na fase de grupos em 2016

TIME-BASE 3-5-2

Shunin;
Semenov
Dzhikiya
Kudryashov;
Mário Fernandes
Kuzyaev
Ozdoev
Golovin
Zhirkov;
Zhemaletdinov
Dzyuba

RÚSSIA

NO EMBALO DE 2018

POUCAS CHANCES — PALPITE PLACAR

Se as coisas estão indo bem, por que não deixar como estão? É esse o lema da Rússia na Euro. A equipe do treinador Cherchesov é mais ou menos a mesma que fez bonito papel na Copa do Mundo de 2018. Houve mudanças no sistema defensivo, mas do meio para a frente o time pouco foi mexido. Tem velocidade, apesar da desorganização. Talvez seja insuficientemente para a excelência do torneio.

O TREINADOR

SELO DE GARANTIA

O ótimo desempenho da Rússia na Copa de 2018 (foi até as quartas, derrotada pela Croácia nos pênaltis) garantiu longevidade a **Stanislav Cherchesov,** 57 anos, uma espécie de Felipão.

O DESTAQUE

ATALHO PARA A REDE

Aleksandr Golovin, meia de 25 anos, do Monaco, começou a chamar a atenção dos russos no jogo de abertura da Copa do Mundo de 2018, disputada em casa: deu duas assistências e marcou um gol no 5 a 0 contra a Arábia Saudita.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

HOLANDA

UM OLHO NO PASSADO E OUTRO AQUI E AGORA

PODE CHEGAR
PALPITE *PLACAR*

Há duas magníficas e inesquecíveis seleções da Holanda na história do futebol: a de 1974, vice-campeã com o brilho do carrossel inventado por Rinus Michels e regido por Cruyff; e a de 1988, de Koeman e Rijkaard na defesa e Van Basten e Gullit lá na frente. É o escrete dos anos 1980 que inspira o atual time, e por um motivo: ao erguer a taça da Euro de 1988, na Alemanha, os laranjas daquele ano conquistaram o único título internacional holandês em toda a história.

Sim, a turma de Cruyff inventou e revolucionou. Mas a de Van Basten e Gullit foi espetacular, rápida, goleadora, firme. Ainda bem que o YouTube está aí, para nos mostrar quão empolgante era aquele time *(vale procurar pelo sem-pulo de Van Basten na final contra a União Soviética e ler mais a respeito na pág. 28 deste guia)*. Era, enfim, uma Holanda capaz de vencer. Três décadas depois, a expectativa é que a aventura vitoriosa possa se repetir. Não será simples, mas há otimismo em Amsterdã.

HISTÓRICO

Disputou nove edições. Foi campeã em 1988. Em 1976 *(leia à dir.)* chegou ao terceiro lugar. Em 1992, 2000 e 2004 foi semifinalista. Em 1996 e 2008, alcançou as quartas. Em 1980 e 2012, não passou da fase inicial, de grupos. Não se classificou para a mais recente edição do torneio, em 2016

O DESTAQUE

XERIFE NA FRENTE DA ÁREA

A Euro pode ser a salvação do zagueiro **Matthijs de Ligt,** da Juventus. A temporada de 2020 e o início de 2021 foram ruins. Amargou o banco da Velha Senhora de Turim. Ficou três meses parado depois de uma cirurgia no ombro. E, se não bastasse, contraiu Covid-19. Em forma, ele é um dos melhores do mundo, no nível do lendário Ruud Krol e de Frank de Boer *(leia ao lado)*. De Ligt tem 21 anos e um futuro imenso como sua altura: 1,89 metro.

A CERTEZA

CARIMBANDO TODAS

O.k., o meio-campista destro **Frenkie de Jong** olha para o lado e vê o canhoto Messi — e haja confiança. Mas não seria exagero dizer que o argentino, ao ver de canto de olho, respira aliviado por ter a seu alcance a habilidade do holandês. Aos 24 anos, o craque do Barcelona é promessa confirmada. Por ele passam as bolas a caminho do gol adversário. É batata.

INSTAGRAM @OFFICIALKNVB

PABLO MORANO/ORANGE PICTURES

TIME-BASE 4-2-3-1

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

NA LÍNGUA DOS BOLEIROS

Em um país repleto de lendas no futebol, o ex-zagueiro **Frank de Boer,** hoje com 51 anos, aparece entre os grandes nomes. Fez 112 partidas com a seleção de 1990 a 2004, um recorde que só seria batido em 2006, por Van der Sar. Fez fama ainda por ter um irmão gêmeo, Ronald de Boer, um meia ofensivo de qualidade. Agora, em sua segunda encarnação laranja, Frank tem mostrado ser um ótimo treinador. Em 2010, se sentou no banco, como auxiliar do técnico Bert van Marwijk, na campanha do vice-campeonato na Copa da África do Sul. Assumiu o comando da Holanda em 2020, no lugar de Ronald Koeman. Seu maior mérito, invejável: falar a língua dos jogadores.

INSTAGRAM @OFFICIALKNVB

MEMÓRIA

PETER ROBINSON/PA IMAGES/GETTY IMAGES

Cruyff *(à dir.)* e Ondrus na semifinal de 1976: tororó

LARANJA ESPREMIDA PELOS CHECOS

E quem haveria de esquecer o espanto da Laranja Mecânica dois anos antes, na Copa de 1974? A seleção vice-campeã de **Cruyff, Neeskens e cia.** era ainda uma lembrança nítida. Contudo, sem o treinador Rinus Michels, o mestre do Carrossel, perdera sua força inovadora ao desembarcar na Iugoslávia do marechal Tito. Nas eliminatórias, a Holanda mostrou força, com quatro vitórias e duas derrotas. Contra a magnífica Polônia de Lato e Deyna, foi duelo épico. Vitória por 3 a 0 em Amsterdã e derrota por 4 a 1 em Chorzow. Até que, de acordo com as antigas regras do torneio, chegaram a Belgrado. E então, na semifinal contra a Checoslováquia do goleiro Viktor (aquele mesmo, que levou um susto que veio lá do meio de campo, no México, em 1970) e do meia Antonín Panenka (que batizaria nossa revista coirmã), deu-se a derrota inglória. Chovia muito. Cruyff mal podia tocar na bola e era cercado pelos adversários. Atônitos, os holandeses perderam o prumo e o jogo: 3 a 1, na prorrogação, depois de empate em 1 a 1 nos noventa minutos. E uma nota ficou para a história: Cruyff nunca ganhou um torneio de relevância internacional pela Holanda. Pena.

UCRÂNIA

PITADAS TROPICAIS

STANISLAV VEDMID/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

POUCAS CHANCES — PALPITE PLACAR

Na Copa de 2006, a ótima Ucrânia de Rebrov, Voronin e Shevchenko só caiu nas quartas de final para a Itália. Se já não tem mais tantos craques daquele tempo, a equipe ao menos voltou a ser respeitada no cenário internacional. O destaque: seu lendário artilheiro agora é o técnico *(leia abaixo).* Tem hoje bons valores, como Zinchenko, do Manchester City, e Malinovskyi, da Atalanta, além de uma pitada de ginga brasileira do naturalizado atacante Marlos. E teria outro, Júnior Moraes, titular do time, se ele não tivesse rompido os ligamentos do joelho em abril. Uma pena.

HISTÓRICO

Disputou as duas últimas edições e foi eliminada na fase de grupos em ambas. Em 2012, jogando em casa, caiu em um grupo difícil, com Inglaterra e França. Em 2016 perdeu todos os três jogos para Alemanha, Polônia e Irlanda do Norte

O DESTAQUE

AULAS COM GUARDIOLA

Lateral-esquerdo no Manchester City, **Oleksandr Zinchenko** aproveitou os ensinamentos do perfeccionista Pep Guardiola para fazer a diferença em sua seleção. O versátil jogador de 24 anos atua no meio-campo da Ucrânia e é a peça-chave para ditar o ritmo do time — seja de forma mais defensiva, seja propondo o jogo. Vê-lo em campo será sempre um prazer.

TIME-BASE 5-3-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O DONO DA PRANCHETA

Maior artilheiro, com 48 gols, e o segundo jogador com mais aparições da história da seleção da Ucrânia — foram 111 jogos —, **Andriy Shevchenko** está no topo do ranking dos grandes ídolos do futebol no país do Leste Europeu. Agora, começa a desenhar uma bela trajetória como treinador. Desde 2016 no comando da seleção, conseguiu a classificação como líder do grupo B, com vitória sobre o atual campeão, Portugal. O matador quer mostrar seu imenso valor com a prancheta em mãos.

CHRISTOPHE PETIT TESSON/EPA/EFE

MACEDÔNIA DO NORTE

PRAZER, QUEREMOS CRESCER

HISTÓRICO

Estreante. Para garantir a vaga e estrear na Euro, derrotou Kosovo e Geórgia na repescagem

TIME-BASE 3-5-2

Dimitrievski; Bejtulai Velkovski Musliu; Ristovski Nikolov Ademi Elmas Alioski; Nestorovski Pandev

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

Vamos começar pelo início. No século 4 a.C., a região da Macedônia do Norte era parte do Reino da Macedônia. Foi invadida pelos romanos e incorporada ao Império Bizantino. Depois da I Guerra Mundial, virou Iugoslávia, que se desmembrou em 1991. Queria se chamar Macedônia, mas uma disputa com a vizinha Grécia levou à incorporação do "do Norte" ao nome, em 2018.

O TREINADOR

JORNADA ÚNICA

ALEX GOTTSCHALK/GETTY IMAGES

Igor Angelovski, 44 anos, se consagrou na noite de 12 de novembro de 2020, com a vitória de 1 a 0 contra a Geórgia, em Tbilisi. Ao surpreender os donos da casa, ganhou o passaporte para a Euro.

O DESTAQUE

AQUELE GOL...

O atacante **Goran Pandev,** de 37 anos, do Genoa, fez história ao marcar o primeiro gol da Macedônia do Norte na vitória de 2 a 1 contra a Alemanha, pelas Eliminatórias para a Copa do Catar. Não foi pouca coisa.

ALEX GOTTSCHALK/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

ÁUSTRIA

SÓ ESTAR LÁ É BOM DEMAIS

HISTÓRICO

Disputou só duas edições: em 2008, jogando em casa, e 2016. Foi eliminada na fase de grupos, melancolicamente, em ambas

TIME-BASE 4-2-3-1

Schlager; Lainer Dragović Hinteregger Ulmer; Ilsanker Baumgartlinger; Lazaro Sabitzer Alaba; Arnautović

POUCAS CHANCES — PALPITE PLACAR

A Áustria estará na fase final da Euro pela segunda vez consecutiva, e esse feito, por si só, pode ser considerado uma grande vitória. Os principais jogadores são os atacantes Marko Arnautovic, que joga na China, e Alaba, do Bayern de Munique *(leia abaixo)*. É muito pouco para sonhar com bons resultados agora em 2021 — e o retrospecto realmente não ajuda.

O TREINADOR

O NOME NÃO DIZ TUDO

CHRISTIAN BRUNA/EFE

Franco Foda, alemão de 55 anos, assumiu a seleção da Áustria em outubro de 2017 e, desde então, conseguiu quinze vitórias, quatro empates e sete derrotas. Estreou como técnico no modesto Sturm Graz.

O DESTAQUE

VIVA O POLIVALENTE

Aos 28 anos, o zagueiro e lateral-esquerdo **David Alaba,** do Bayern de Munique, a caminho do Real Madrid, comanda a seleção da Áustria — atuando mais à frente, como meio-campista. É muito habilidoso. Já vestiu a camisa de seu país 79 vezes.

ULRIK PEDERSEN/NURPHOTO/GETTY IMAGES

INGLATERRA

FALTA UM PRÊMIO EM LONDRES

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE PLACAR

Quantas vezes a Inglaterra entrou num torneio como favorita? E quantas vezes deixou de celebrar o título? Os campeões do mundo em 1966 sempre contam com muito prestígio antes de a bola rolar — e, na maioria das oportunidades, não o confirmam dentro de campo. Na atual edição da Euro não é diferente. Os ingleses nem sequer chegaram a uma final em seis décadas, mas... Agora, as apostas são na nova geração. O time teve o segundo melhor ataque das eliminatórias (atrás apenas da Bélgica, que fez dois jogos a mais) e terminou com o artilheiro: o capitão Harry Kane, do Tottenham, que balançou as redes doze vezes. O técnico Gareth Southgate comanda várias promessas do futebol mundial, como Jadon Sancho, do Borussia Dortmund, Mason Mount, do Chelsea, Marcus Rashford, do Manchester United, e Phil Foden, do Manchester City. É uma seleção jovem e talentosa, que sonha chegar à decisão, em Wembley, para quebrar a sina.

HISTÓRICO

Disputou nove edições. Foi terceira colocada em 1968 e semifinalista em 1996 *(leia na pág. da direita)*. Perdeu para a Islândia nas oitavas de final em 2016, em uma das maiores zebras da história da competição

O DESTAQUE

CEREBRAL E MATADOR

O capitão do time lidera a jovem geração. **Harry Kane,** 27 anos, do Tottenham, já provou que é possível chegar longe com ele em campo. Os seis gols do artilheiro na última Copa do Mundo foram fundamentais para levar a Inglaterra até a semifinal depois de 28 anos. “Kane é como Cristiano Ronaldo”, avalia o ex-atacante da seleção e hoje comentarista Gary Lineker.

A PROMESSA

A NOVA JOIA BRILHANTE

O título da Copa do Mundo Sub-17 em 2017 trouxe para os holofotes promessas que hoje já são realidade. Callum Hudson-Odoi e Jadon Sancho são ótimos, mas o principal destaque do time inglês é **Phil Foden.** Moldado com todo o carinho por Guardiola, o meia de 21 anos ganha cada vez mais espaço no Manchester City e se tornou titular da seleção neste ano.

CHLOE KNOTT/DANEHOUSE/GETTY IMAGES

LAURENCE GRIFFITHS/THE FA/GETTY IMAGES

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

NA TOADA DO SUCESSO RECENTE

A expectativa depositada sobre os ombros de **Gareth Southgate** é alta. A missão não é apenas fazer uma boa campanha na Euro — mas brigar pelo título. Técnico da seleção nacional desde novembro de 2016, ele ganhou notoriedade após levar o país à semifinal da Copa de 2018, na Rússia. Se conseguir repetir a proeza, terá a chance de aproveitar o fator casa, já que as últimas três partidas da competição devem ser realizadas em Londres, no mítico Estádio de Wembley, renovado. Na última vez que jogaram o torneio em casa, os ingleses foram eliminados na semifinal — e o zagueiro Southgate, sim ele mesmo, perdeu o pênalti decisivo *(leia ao lado)*.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

BONGARTS/GETTY IMAGES

Southgate parou em Köpke: e então o sonho acabou

GUTTED! GUTTED! GUTTED!

Quando alguém utiliza a expressão em inglês *gutted*, com as devidas exclamações ruidosas do título acima, quer dizer que está arrasado, profundamente decepcionado, triste mesmo. Foi esse o sentimento de histórica melancolia dos torcedores ingleses no dia 26 de junho de 1996. Jogando em Wembley, ainda em seu formato antigo, a Inglaterra encarava a Alemanha por uma vaga na final da Euro. Depois de noventa minutos de futebol, os rivais de longuíssima data, nos gramados e nas guerras, ficaram na igualdade em 1 a 1: o artilheiro Alan Shearer abriu o placar para os mandantes logo aos três minutos e o atacante Stefan Kuntz empatou aos dezesseis do primeiro tempo. Vieram então os pênaltis.

Após todos converterem as dez primeiras cobranças, o zagueiro Gareth Southgate foi para a marca de cal. Para desespero da maioria dos mais de 75 000 torcedores nas arquibancadas, o chute rasteiro no canto esquerdo foi **defendido pelo goleiro Andreas Köpke.** Na sequência, Andreas Möller não se dispersou, classificou os alemães e acabou com a chance do título inédito para a Inglaterra. Marcado por anos pelo erro, Southgate virou técnico *(leia ao lado)* e está de volta ao comando do English Team. Espera, é claro, escrever uma nova narrativa, desta vez com um final feliz. Mas aquele instante — aquele erro — continuará autorizando o torcedor a se sentir *gutted*.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

CROÁCIA

PARA DEIXAR DE SER A ZEBRA QUADRICULADA

PODE CHEGAR — PALPITE *PLACAR*

Nação independente desde 1991 (antes fazia parte da Iugoslávia), a Croácia traz em sua seleção, com a característica camisa quadriculada, um histórico com incríveis façanhas em Copas do Mundo: um terceiro lugar, com Davor Suker como artilheiro, no Mundial da França, em 1998, e o vice-campeonato na última edição, na Rússia, em 2018. Em Eurocopas, as campanhas foram mais tímidas. Guiado por atletas consagrados como Modrić, Kovačić e Perisić, o time deve brigar com a Inglaterra pela primeira vaga na chave. Há, porém, um desfalque em relação à Copa da Rússia: o meia Ivan Rakitić, do Sevilla.

HISTÓRICO

Disputou cinco edições. Chegou às quartas de final em 1996 e 2008. Perdeu para Portugal de Cristiano Ronaldo nas oitavas de final em 2016

O DESTAQUE

O LÍDER INCANSÁVEL

Jogador responsável por acabar com o reinado de Messi e Cristiano Ronaldo ao conquistar a Bola de Ouro de 2018, o camisa 10 e capitão **Luka Modrić** segue atuando em alto nível pelo Real Madrid. Aos 35 anos, quer se despedir da seleção em grande estilo. Pode conseguir, mesmo sem título.

TIME-BASE 4-2-3-1

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O IMPROVÁVEL É POSSÍVEL

Zlatko Dalić, de 54 anos, assumiu a seleção às pressas, no fim de 2017, e rapidamente se tornou uma lenda no país não apenas por classificar o time para a Copa da Rússia como quase conquistar a improvável taça. Ex-defensor de pouco destaque, ele se transformou em um técnico arrojado, que conseguiu tirar o melhor de um talentoso elenco.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

HISTÓRICO

Disputou duas edições, em 1992 e 1996, e foi eliminada na fase de grupos em ambas

TIME-BASE 3-5-2

Marshall;
McTominay
Hanley
Tierney;
O'Donnell
Jack
McGregor
McGinn
Robertson;
Dykes
Christie

ESCÓCIA

DE VOLTA, 25 ANOS DEPOIS

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

Terceira colocada em seu grupo nas Eliminatórias, atrás de Bélgica e Rússia, a Escócia teve de enfrentar duas repescagens para conseguir a vaga na Euro. Contou com a sorte ao eliminar Israel e a forte Sérvia nos pênaltis para retornar à principal competição de seleções do continente após 25 anos, mas o destino não foi tão bondoso no sorteio. O grupo talvez seja forte demais para os escoceses.

O TREINADOR

APRENDEU DIREITINHO

Lateral-direito do Chelsea por doze temporadas nos anos 1980 e 1990, **Steve Clarke** teve ótimos professores: foi auxiliar do português Mourinho no Chelsea e do italiano Gianfranco Zola no West Ham.

O DESTAQUE

"O CAPITA"

"Um jogador inacreditável." O elogio a **Andrew Robertson,** de 27 anos, veio de ninguém menos que sir Alex Ferguson, o multicampeão com o Manchester United. Campeão da Premier League e da Champions com o Liverpool, o lateral-esquerdo é também o capitão da equipe.

KENNY RAMSAY

HISTÓRICO

Disputou nove edições. Foi campeã em 1976 (como Checoslováquia) e vice em 1996. Foi eliminada na fase de grupos em 2016

TIME-BASE 4-2-3-1

Vaclík;
Coufal
Kúdela
Čelůstka
Bořil;
Holeš
Souček;
Provod
Darida
Jankto;
Schick

REPÚBLICA CHECA

QUERO SER GRANDE

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

O bom desempenho do time no vice-campeonato de 1996 comandado por craques do calibre de Pavel Nedvěd e Karel Poborský faz parte de um passado distante para a seleção da República Checa. Mas há pontos fortes: o excelente goleiro Tomás Vaclík, do Sevilla, é o herdeiro do grande Cech. Mas quem vale ouro é o meio-campista Tomáš Souček, o motor do escrete *(leia abaixo)*.

O TREINADOR

AMBIÇÕES TERRENAS

Depois de comandar vários clubes em seu país, **Jaroslav Silhavy**, de 59 anos, foi chamado a treinar a seleção em setembro de 2018. Sua missão principal é renovar o elenco — e ir bem na Euro, claro.

O DESTAQUE

O MAESTRO

Tomás Souček, 26 anos, é peça fundamental do West Ham, equipe que briga com os gigantes do Campeonato Inglês por uma vaga na próxima Champions. Em 37 jogos na temporada, já marcou nove gols. É o pulmão e o cérebro da seleção.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

ESPANHA

A FÚRIA ESTÁ RENOVADA

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE *PLACAR*

A vitória de 6 a 0 da Espanha sobre a Alemanha, no Estádio de La Cartuja, em Sevilha, em novembro de 2020, pela Liga das Nações, torneio bienal criado para substituir amistosos internacionais, foi como uma conquista pessoal para o técnico Luis Enrique. Mais do que impor ao rival a maior derrota em 89 anos — a Áustria impôs o mesmo placar em 1931 —, o resultado fez a Fúria, campeã do mundo em 2010, voltar a buscar voos altos.

Entre os titulares, Sergio Ramos, 35 anos, é o principal — e quase solitário — remanescente da geração espanhola que encantou o mundo com um futebol de passes curtos e envolventes. Nomes como Sergio Busquets, Jordi Alba, Carvajal, Thiago e tantos outros deram lugar a Rodri, José Gayà, Sergi Roberto e Pedri, joia do Barcelona de apenas 18 anos. Ainda há Ansu Fati, expoente também do Barça, e a dupla do Manchester City: Eric García e Ferran Torres.

HISTÓRICO

Disputou dez edições. Ergueu a taça em 1964, nos primórdios da Euro, e depois em 2008 e 2012, tempo de quase hegemonia da Espanha, campeã mundial em 2010. Foi vice em 1984, derrotada pela França. Perdeu para a Itália nas oitavas de final em 2016

ZURAB KURTSIKIDZE/EPA/EFE

A MATURIDADE

MATURIDADE VALIOSA

Capitão da Espanha e do Real Madrid, além de jogador com maior número de partidas pela Fúria na história, **Sergio Ramos,** 35 anos, tem, provavelmente, a última chance de erguer um troféu da Euro. Em 2008 e 2012, foi titular, mas a honra coube ao goleiro Iker Casillas. A cena se repetiu na Copa do Mundo de 2010. Ramos ainda tem incerta a permanência no Real, após dezesseis anos de clube.

A JUVENTUDE

PROMESSA CUMPRIDA

Contratado pelo Manchester City em agosto de 2020, **Ferran Torres,** 21 anos, chegou à Inglaterra carregando uma sombra de comparações com David Silva, ídolo do City e da Fúria. Foi pedido particular de Guardiola, impressionado com a velocidade e a habilidade do craque. Pela Fúria, o principal cartão de visita foram os três gols contra a Alemanha, em jogo da Liga das Nações.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

COMOVENTE RETORNO

Luis Enrique surpreendeu o mundo do futebol ao anunciar, em junho de 2019, que deixaria o comando da seleção espanhola. O técnico alegou problemas pessoais, sem maiores detalhes. Dois meses depois, em texto emocionado, ele comunicou o falecimento da filha Xana, de apenas 9 anos, vítima de um tumor ósseo. A volta à Fúria, em novembro, foi como um respiro de vida para o ex-meio-campista conhecido pela entrega dentro de campo. Ele iniciou, sem medo, um intenso processo de renovação, levando a campo jovens promessas. Já houve bons resultados, sobretudo chegar entre os quatro semifinalistas da Liga das Nações. Mas a prova de fogo deve ser a Euro. Logo na estreia, enfrentará a forte Suécia. Mas a Espanha de Luis Enrique faz parte dos grandes, definitivamente, e não tem medo de ninguém.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

SAMPICS/CORBIS/GETTY IMAGES

A celebração em 2008: o início da fase dourada

LA ROJA, COM TODO O RESPEITO

O gol marcado por Fernando Torres, aos 33 minutos do primeiro tempo, em Viena, tirou um peso gigantesco das costas dos espanhóis naquele 29 de junho de 2008. A vitória de 1 a 0 contra a Alemanha representou bem mais do que o fim de um incômodo jejum de 44 anos sem títulos. Acabava ali a fama espanhola de azarada, eterna decepção e de um time que se acostumou a seguidos fracassos. A Fúria, enfim, estava de volta e começava a consolidar a maravilhosa geração de passes curtos e envolventes capitaneada por Xavi, Iniesta, Fàbregas, David Silva e cia.

Coube ao goleiro Iker Casillas, outro ícone daquela geração, levantar o troféu que recebeu das mãos de Michel Platini em uma campanha quase perfeita: cinco vitórias e um empate, contra a Itália, nas quartas de final, quando passou nos pênaltis. No meio de campo brilhante, ainda havia uma peça curiosa: o volante Marcos Senna, que fez história como primeiro brasileiro campeão da Euro. Era um time recheado de talentos, dirigido por Luis Aragonés (1938-2014), o Sabio da Hortaleza. Depois daquela data, a Fúria abandonou de vez as frustrações, passou a ser chamada da *La Roja* e enfileirou outros títulos: a Copa do Mundo de 2010 e, novamente, a Euro, em 2012. O respeito, definitivamente, voltou.

LESZEK SZYMANSKI/EFE/EPA

POLÔNIA

SABOR DE NOSTALGIA

POUCAS CHANCES — PALPITE PLACAR

Nos anos 1970, a seleção polonesa fez história, com a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1972 e, dois anos depois, o terceiro lugar na Copa do Mundo, ao derrotar o Brasil de Rivellino, Jairzinho e cia. A geração de Lato e Deyna unia velocidade e um toque de bola quase sul-americano. Era bom de ver. Em seus melhores momentos, lembrava a Holanda de Cruyff. Em 1982, a turma de Boniek ficou com o terceiro lugar na Copa da Espanha. Não será fácil recuperar as glórias do passado — apesar de um certo alguém lá na frente, com faro de gol.

HISTÓRICO

A Polônia se classificou para a fase final da Euro pela primeira vez apenas em 2008. Fará agora sua quarta participação. Em 2016, no melhor desempenho, chegou às quartas, eliminada por Portugal nos pênaltis

O DESTAQUE

A ONIPRESENÇA DE LEWY

Robert Lewandowski, aos 32 anos, nascido em Varsóvia, será um dos grandes nomes do torneio — dada a força avassaladora com a qual ele faz o que é pago para fazer: gols. Em 2020, foram 42 gols em 38 jogos, numa média de mais de um tento por partida. Com ele, o Bayern ganhou tudo. Sem ele, foi eliminado da Champions pelo PSG de Neymar e Mbappé.

TIME-BASE 3-5-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

A FAMA DOS PORTUGUESES

Durou pouco a permanência de Jerzy Brzeczek, medalhista de prata nos Jogos de 1992, como treinador da Polônia. Ele assumiu a seleção depois do fracasso na Copa de 2018, com duas derrotas em três jogos — apesar de Lewandowski, que não pode tudo. Um pouco antes da Euro, Brzeczek foi demitido. Para seu lugar foi chamado o português **Paulo Sousa,** de 50 anos, de mediano sucesso no Bordeaux.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

SUÉCIA

A REINVENÇÃO É PRA JÁ

HISTÓRICO

Disputou seis edições. Chegou à semifinal em 1992, derrotada pela Alemanha. Foi eliminada na fase de grupos em 2016

TIME-BASE 4-4-2

Nordfeldt; Lustig Lindelof Helander Augustinsson; Kulusevski Larsson Olsson Forsberg; Isak Ibrahimovic

"Ibrahimovic é um grande jogador, mas nos acostumamos a jogar sem ele", disse o técnico Janne Andersson diversas vezes desde que o maior craque da história do futebol sueco pediu dispensa da seleção, em 2016. Sem ele, a Suécia foi ao Mundial da Rússia e garantiu vaga, pela sexta edição consecutiva, na Euro. Tê-lo de volta é monumental sombra para todos os outros ao redor.

O TREINADOR

A LIÇÃO DE PRECOCIDADE

GETTY IMAGES

Janne Andersson, 58 anos, jogou futebol de 1979 a 1993. Antes mesmo de se aposentar, se tornou treinador do próprio time, o Alets, em 1988. Assumiu o cargo no escrete sueco em 2016.

LENHA PARA QUEIMAR

Zlatan Ibrahimovic disse adeus à seleção em 2016, pediu para ir à Copa de 2018 (mas não levou), seguiu jogando em alto nível pelo Milan, da Itália, e agora está de volta. Aos 39 anos, é a grande e incontornável estrela do elenco.

DAVID LIDSTROM/GETTY IMAGES

ESLOVÁQUIA

SONHAR É UM DIREITO

HISTÓRICO

Disputou uma única edição, em 2016, e foi eliminada nas oitavas de final pela Alemanha, ao ser derrotada por 3 a 0

TIME-BASE 4-1-4-1

Rodák; Pekarík Satka Skriniar Hubocan; Lobotka; Rusnák Kucka Hamsík Mak; Duda

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

Mesmo longe de ter a força de quando formava a Checoslováquia, campeã em 1976, com os vizinhos checos, a nova nação é uma grata surpresa. Independente desde 1993, a Eslováquia chega à sua segunda Euro seguida sem alarde, mas com esperança de classificação para o mata-mata. Em 2016, o time venceu a Rússia, empatou com a Inglaterra e conseguiu passar para a segunda fase.

O TREINADOR

O AUXILIAR SUBIU

GETTY IMAGES

Em 2020, maus resultados na Liga das Nações levaram à saída do técnico Pavel Hapal, substituído por **Stefan Tarkovic,** um ex-jogador de pouco sucesso, que foi auxiliar da equipe na última edição da Euro.

O DESTAQUE

ARTILHEIRAÇO!

A estrela incontornável é **Marek Hamsík,** 33 anos, ídolo do Napoli — com 121 gols em doze anos, se tornou o maior artilheiro do clube, ultrapassando ninguém menos que Maradona.

ALEXANDER HASSENSTEIN/GETTY IMAGES

FRANÇA

QUEM FARÁ CAIR A BASTILHA?

FAVORITA AO TÍTULO — PALPITE PLACAR

A triste página da final da Euro de 2016, perdida em Paris diante de Portugal desfalcado de Cristiano Ronaldo, já foi virada. A seleção francesa inicia a Euro de agora como a principal favorita não apenas por ser a atual campeã do mundo, mas por ter conseguido melhorar o time que ergueu o bicampeonato mundial em Moscou há três anos. Jogadores como Benjamin Pavard, 25 anos, e, sobretudo, Kylian Mbappé, 22, estão mais maduros. Os pilares do meio-campo, como Paul Pogba, 28, N'Golo Kanté, 30, e Antoine Griezmann, 30, seguem em alto nível e em busca de novas façanhas. No ataque, Kingsley Coman, 24, autor do gol do título do Bayern de Munique na Liga dos Campeões de 2020, é a cara nova e veloz. A meta é repetir o feito da geração de Zinedine Zidane e companhia, campeã do mundo em 1998 e da Euro, em 2000. Mas há um risco: o grupo é realmente da morte, na companhia de Alemanha e Portugal (além da fraca Hungria).

HISTÓRICO

Disputou nove edições. Foi campeã em 1984 (geração de Michel Platini) e 2000 (geração de Zinedine Zidane). Em 2016, jogando em casa, perdeu a final para Portugal, derrota que deixou um travo amargo em vez do tri europeu

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O GAROTO

O MONARCA MENINO

Foi lá na outra vida da humanidade, antes da pandemia do novo coronavírus. Em 2018, **Kylian Mbappé,** aos 19 anos, foi o jogador mais jovem a marcar gol numa final de Copa do Mundo desde Pelé, em 1958. De lá para cá, o velocíssimo atacante só melhora, com evidente aperfeiçoamento de suas finalizações. O 10 francês é uma estrela incontornável, de fama global, a ponto de dividir (e muitas vezes roubar) o protagonismo com Neymar no PSG.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O EXPERIENTE

NA SELEÇÃO, UM MONSTRO!

O volante **Paul Pogba,** 28 anos, do Manchester United, gosta mesmo é de vestir a camisa dos Les Bleus. Referência na armação das jogadas, com excelente chute de fora da área, cresce nos momentos decisivos. Basta relembrar seu espetacular desempenho na Copa do Mundo da Rússia.

TIME-BASE 4-5-1

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O DUNGA DELES VIROU ZAGALLO

Didier Deschamps, com o perdão pela comparação que pode soar torta, é uma espécie de Dunga francês. Volante pegador e líder nato nos tempos de atleta, foi o capitão da França nos títulos da Copa de 1998 e da Euro de 2000. Mas, ao contrário do contemporâneo brasileiro, conseguiu repetir o sucesso internacional também na nova carreira como treinador — está, hoje, no panteão de lendas como Zagallo e Beckenbauer, os outros dois únicos campeões do mundo dentro e fora de campo. É verdade que ele contou com a infinita paciência da federação local: assumiu em 2012 e sobreviveu a derrotas na Copa de 2014 e na Eurocopa de 2016. Valeu a pena. E da desconfiança brotou uma quase unanimidade.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

MIKE EGERTON/EMPICS/GETTY IMAGES

O tiro de canhota: morte súbita dos italianos em 2000

A NOITE MÍTICA DE "TREZEGOL"

O mais recente título europeu da França ocorreu em um dos momentos mais memoráveis da história da competição (possivelmente o mais doloroso para os italianos). Em Roterdã, na Holanda, em 2 de julho de 2000, a Itália saiu na frente logo no início da final, com Marco Delvecchio, e segurou a pressão dos atuais campeões mundiais durante quase todo o jogo. Quase, quase... Aos 48 minutos da segunda etapa, Sylvain Wiltord empatou em chute cruzado de esquerda e levou a decisão para a prorrogação. Na época, ainda havia o chamado gol de ouro ou morte súbita, em que o jogo terminava assim que saísse um gol no tempo extra. Coube ao artilheiro **David Trezeguet** o papel de herói, com um espetacular chute de canhota, sem chances para o goleiro Francesco Toldo, após arrancada pela esquerda de Robert Pirès. Além da taça, o golaço rendeu a "Trezegol", então uma revelação do Monaco, uma vaga no ataque da Juventus, pela qual atuou durante dez anos e se tornou ídolo. Foi contra a Azzurra que Trezeguet viveria sua maior frustração: a perda do pênalti na decisão da Copa do Mundo de 2006, vencida pelos italianos.

ALEMANHA

ETERNA CARTA NA MANGA

PODE CHEGAR

PALPITE *PLACAR*

Faça um exercício de memória e tente lembrar quem foram os treinadores da Alemanha antes de Joachim Löw. Auxiliar de Jürgen Klinsmann entre 2004 e 2006, Löw virou, desde julho de 2006, o rosto de (mais) uma geração vitoriosa do país. Depois de quinze anos, no entanto, ele deve deixar o cargo. A relação longeva perdeu força após a conquista da Copa do Mundo de 2014. Özil, Müller, Khedira e tantos outros se aposentaram da seleção. Na Rússia, em 2018, *Die Mannschaft* deu vexame. E em novembro do ano passado apanhou de 6 a 0 da Espanha, pela Liga das Nações. Mas ninguém é doido de dizer que a Alemanha é carta fora do baralho. Ao contrário. A nova geração tem Kimmich, Havertz, Sané e Gnabry, dispostos a honrar o gigantesco legado. O sorteio pôs os alemães no grupo da morte, contra a França, campeã do mundo, Portugal, o último vencedor da Euro, e a Hungria. A cartada final será disputada em Wembley, de ótimas lembranças para os germânicos.

HISTÓRICO

É a recordista em participações e também em finais: disputou doze edições e chegou seis vezes à decisão. Ganhou três (1972, 1980 e 1996) e foi vice nas outras três (1976, 1992 e 2008). Perdeu para a França na semifinal em 2016

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

...DO MEIO PARA A FRENTE

FINALIZADOR DE PRIMEIRA

Apesar dos seus 25 anos, **Serge Gnabry** tem muita história pela seleção alemã. Foram quinze gols marcados em vinte jogos, além de ter a confiança de Joachim Löw: "Ele é mortal na frente do gol, ajuda a construir jogadas e abre espaços", disse o técnico em novembro de 2019, após ver o pupilo marcar três gols em uma partida pelas Eliminatórias da Euro.

DO MEIO PARA TRÁS...

MOTOR EFICIENTE

O meia **Joshua Kimmich** resume a eficiência alemã. Sempre entre os melhores passadores da Bundesliga, garante qualidade técnica e inteligência tática ao Bayern de Munique. Depois de se destacar pelo Red Bull Leipzig, chegou ao clube da Baviera ainda na era Guardiola, em 2015, mas se consolidou recentemente. Também joga como lateral-direito e zagueiro.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

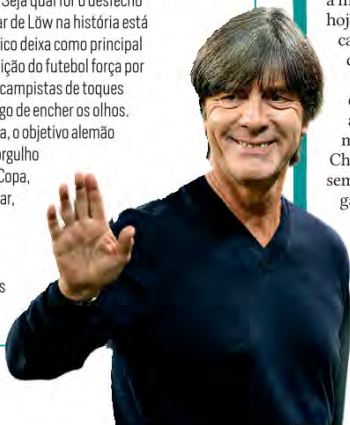
O TREINADOR

ORGULHO RECUPERADO

Despedidas nunca são fáceis, mas muitas vezes são necessárias. **Joachim Löw** e a seleção da Alemanha adiaram por anos uma saída que poderia ter sido perfeita, em 2014, quando esse relacionamento viveu seu ápice: o tetracampeonato mundial conquistado no Maracanã, contra a Argentina, e depois do tristemente inesquecível 7 a 1 no Mineirão. Seja qual for o desfecho desta Euro, o lugar de Löw na história está garantido. O técnico deixa como principal legado a substituição do futebol força por times com meio-campistas de toques refinados e um jogo de encher os olhos. Em 2006, em casa, o objetivo alemão era reconstruir o orgulho próprio. Naquela Copa, com Löw de auxiliar, não deu certo, mas ele seria amplamente reconquistado nos anos seguintes.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

MEMÓRIA

LUTZ BONGARTS/BONGARTS/GETTY IMAGES

O título em 1996: de virada contra a República Checa

A ARTE DE REPETIR A HISTÓRIA

Foi em Wembley, em 30 de junho de 1996, a lembrança mais feliz da seleção alemã em Eurocopas. O técnico Berti Vogts tirou do banco um certo Oliver Bierhoff, que marcaria os dois gols da virada contra a República Checa. A seleção da Alemanha se tornou a maior vitoriosa da história da competição (posto hoje dividido com a Espanha, com três conquistas cada uma). Na ocasião, o título chegou com uma campanha invicta e com doses fortes de emoção.

Na final, por exemplo, Bierhoff marcou na chamada morte súbita, o gol que encerra abruptamente o jogo na prorrogação. Na primeira fase, os alemães enfrentaram a República Checa, a Rússia e a Itália. Nas quartas de final e na semi, superaram as fortes Croácia e Inglaterra (jogando em casa, o English Team caiu nos pênaltis). Eles chegaram para a decisão com problemas de suspensões e lesões, a ponto de a Uefa permitir a convocação de um jogador extra para compor o elenco. Diante de 73 611 espectadores, a vitória consolidou a supremacia alemã. Agora, a chance é de repetir a história em Londres.

OS DEFENSORES DO TROFÉU

PODE CHEGAR — PALPITE PLACAR

A esquadra lusa, campeã em 2016, terá dificuldades para defender o título — a começar pelo azar de ter caído em um grupo para lá de complicado, ao lado de França e Alemanha. Mas o histórico recente ajuda: Portugal derrotou a França, em Paris, há quatro anos.

O grande craque, é óbvio e ululante, atende pelo nome de Cristiano Ronaldo, o inigualável CR7. Ele é o rei sol a iluminar uma equipe que tem o experiente Pepe, 38, e um grupo mais jovem, em alta na Europa: João Félix, Bruno Fernandes, João Cancelo e Bernardo Silva. É, portanto, uma seleção forte.

HISTÓRICO

Disputou sete edições. Chegou à final duas vezes. Em 2004, perdeu a final, em Lisboa, para uma inesperada Grécia. Em 2016, deu o troco e venceu a França em Paris — sem CR7 na maior parte do jogo, que deixou o campo no primeiro tempo

JONATHAN MOSCROP/GETTY IMAGES

A UNANIMIDADE

MÁQUINA IMPARÁVEL

É melhor não duvidar de **Cristiano Ronaldo.** Cinco vezes o melhor do mundo e o maior artilheiro da história da Liga dos Campeões e do Real Madrid, alcançou em 2020 a marca de maior número de vitórias e de gols marcados com a camisa de Portugal. Chega à Euro depois de liderar a artilharia na Série A italiana (tem contrato com a Juventus até 2022). Aos 36 anos, ele ainda pode tudo.

TIME-BASE 4-3-3

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

NÃO MEXE COM QUEM GANHA

Campeão da Euro em 2016 e da Liga das Nações em 2019, o técnico **Fernando Santos** teve seu contrato renovado para comandar Portugal até 2024. A base montada pelo treinador está mais sólida, apesar da eliminação precoce, nas oitavas de final, da Copa do Mundo de 2018. Desde 2020, a seleção sofreu apenas uma derrota em onze partidas oficiais disputadas. É trajetória que autoriza otimismo agora, em 2021.

SYLVAIN LEFEVRE/GETTY IMAGES

HISTÓRICO

Disputou três edições. Foi terceira colocada em 1964, derrotada na semifinal pela Espanha. Perdeu para a Bélgica nas oitavas de final em 2016

HUNGRIA

O AZAR DE ESTAR EM GRUPO DURO

FIGURANTE — PALPITE PLACAR

No grupo da morte da Euro, a Hungria é a zebra. Diante de potências como Alemanha, França e Portugal (atual campeão do torneio), tenta lembrar o passado vitorioso, o escrete que já teve Puskás. Tem a seu favor duas partidas em casa, a não ser que a pandemia impeça. A seleção só chegou à fase final do campeonato europeu depois de vencer a Islândia na última fase da repescagem. Nas primeiras edições do torneio, os húngaros estiveram duas vezes na semifinal, em 1964 e 1972. Daí, ficaram 44 anos sem se classificar. Não será tranquila a travessia dos magiares para avançar ao mata-mata.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

O DESTAQUE

COMEÇOU CEDO

Ele começou a jogar com apenas 6 anos. Aos 15, já estava na seleção húngara sub-17. Passou pelo Red Bull Salzburg e em janeiro deste ano estreou pelo RB Leipzig, da Alemanha. Pela seleção da Hungria, já fez doze partidas. O meia **Dominik Szoboszlai,** de 20 anos, é a estrela do time e esperança de bons resultados.

TIME-BASE 3-4-1-2

UNIFORME 1

UNIFORME 2

O TREINADOR

O *CAPO* É ITALIANO

Como jogador, **Marco Rossi** ganhou a Copa da Itália na temporada 1993-1994 pela Sampdoria. Jogou também pelo Torino, Brescia e Eintracht Frankfurt, da Alemanha. Virou técnico em 2004 e, oito anos mais tarde, assumiu o Budapest Honvéd, da Hungria, pelo qual se sagrou campeão nacional. Em junho de 2018 foi convidado a comandar a seleção magiar e conseguiu garantir vaga na fase final desta Euro.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTO

UMA CHUVA DE NÚMEROS

Total de jogos	286
Total de gols	687
Média de gols	2,40
Seleções participantes	39

A PARTICIPAÇÃO DAS SELEÇÕES

(INCLUINDO A ATUAL EDIÇÃO)

Seleção	Participações
Alemanha	13*
Rússia	12**
Espanha	11
França	10
Holanda	10
Inglaterra	10
Itália	10
República Checa	10***
Dinamarca	9
Portugal	8
Suécia	7
Bélgica	6
Croácia	6
Iugoslávia	5
Romênia	5
Suíça	5
Turquia	5
Grécia	4
Hungria	4
Polônia	4
Áustria	3
Escócia	3
Irlanda	3
Ucrânia	3
Bulgária	2
Eslováquia	2
País de Gales	2
Albânia	1
Eslovênia	1
Finlândia	1
Irlanda do Norte	1
Islândia	1
Letônia	1
Macedônia do Norte	1
Noruega	1

* 5 como Alemanha Ocidental

** 5 como União Soviética e 1 como Comunidade dos Estados Independentes

*** 3 como Checoslováquia

SCHIRNER/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

Beckenbauer com a taça de 1972: vitória contra a URSS

OS MAIORES CAMPEÕES

Seleção	Títulos
Alemanha	3*
Espanha	3
França	2
Checoslováquia	1
Dinamarca	1
Grécia	1
Holanda	1
Itália	1
Portugal	1
União Soviética	1

* 2 como Alemanha Ocidental

QUEM DISPUTOU MAIS FINAIS

Seleção	Finais
Alemanha	6*
Espanha	4
União Soviética	4
França	3
Itália	3
Iugoslávia	2
Portugal	2
República Checa	2**
Bélgica	1
Dinamarca	1
Grécia	1
Holanda	1

* 2 como Alemanha Ocidental

** 1 como Checoslováquia

RECORDE DE PARTICIPAÇÕES CONSECUTIVAS

Alemanha

13 edições

(de 1972 a 2020)

SANDRA BEHNE/BONGARTS/GETTY IMAGES

AS MAIORES GOLEADAS

					Data	Fase
Holanda	6	x	1	Iugoslávia	25/6/2000	Quartas de final
França	5	x	0	Bélgica	16/6/1984	Fase de grupos
Dinamarca	5	x	0	Iugoslávia	16/6/1984	Fase de grupos
Suécia	5	x	0	Bulgária	14/6/2004	Fase de grupos

O GOL MAIS RÁPIDO

67 segundos

Dmitri Kirichenko, na vitória da Rússia sobre a Grécia por 2 a 1, em 20/6/2004, na fase de grupos

OS MAIORES ARTILHEIROS

		Gols	
Michel Platini	França	9	1984
Cristiano Ronaldo	Portugal	9	2004, 2008, 2012 e 2016
Alan Shearer	Inglaterra	7	1996 e 2000

SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES

O ÁRBITRO QUE MAIS APITOU

Anders Frisk, Suécia:

8 partidas

(em 1996, 2000 e 2004)

OS ARTILHEIROS EM UM ÚNICO JOGO (3 gols)

Dieter Müller, Alemanha Ocidental (4 a 2 contra a Iugoslávia em 17/6/1976)

Klaus Allofs, Alemanha Ocidental (3 a 2 contra a Holanda em 14/6/1980)

Michel Platini, França (5 a 0 contra a Bélgica em 16/6/1984)

Michel Platini, França (3 a 2 contra a Iugoslávia em 19/6/1984)

Marco van Basten, Holanda (3 a 1 contra a Inglaterra em 15/6/1988)

Sérgio Conceição, Portugal (3 a 0 contra a Alemanha em 20/6/2000)

Patrick Kluivert, Holanda (6 a 1 contra a Iugoslávia em 25/6/2000)

David Villa, Espanha (4 a 1 contra a Rússia em 10/6/2008)

CHRISTOF KOEPSEL/BONGARTS/GETTY IMAGES

O DESEMPENHO HISTÓRICO

Time	J	V	E	D	Gols	Contra	Saldo
Alemanha	49	26	12	11	72	48	+24
França	39	20	9	10	62	44	+18
Espanha	40	19	11	10	55	36	+19
Portugal	35	18	9	8	49	31	+18
Holanda	35	17	8	10	57	37	+20
Itália	38	16	16	6	39	27	+12
República Checa	32	13	6	13	42	43	-1
Rússia	33	12	7	14	38	45	-7
Inglaterra	31	10	11	10	40	35	+5
Croácia	18	8	5	5	23	20	+3
Dinamarca	27	7	6	14	30	43	-13
Bélgica	17	7	2	8	22	25	-3
Suécia	20	5	6	9	25	24	+1
Grécia	16	5	3	8	14	20	-6
Turquia	15	4	2	9	13	22	-9
País de Gales	6	4	0	2	10	6	+4
Iugoslávia	14	3	2	9	22	39	-17
Polônia	11	2	6	3	7	9	-2
Suíça	13	2	5	6	8	15	-7
Islândia	5	2	2	1	8	9	-1
Hungria	8	2	2	4	11	14	-3
Irlanda	10	2	2	6	6	17	-11
Escócia	6	2	1	3	4	5	-1
Romênia	16	1	5	10	10	21	-11
Noruega	3	1	1	1	1	1	0
Eslováquia	4	1	1	2	3	6	-3
Bulgária	6	1	1	4	4	13	-9
Albânia	3	1	0	2	1	3	-2
Irlanda do Norte	4	1	0	3	2	3	-1
Ucrânia	6	1	0	5	2	9	-7
Eslovênia	3	0	2	1	4	5	-1
Áustria	6	0	2	4	2	7	-5
Letônia	3	0	1	2	1	5	-4

PAULO CEZAR CAJU

FICO MESMO COM A EUROCOPA

O futebol europeu há anos vem conseguindo mesclar a força do conjunto com os talentos individuais — por aqui, parece, só vale a raça e nada mais

A redação de PLACAR, sempre atenta e cuidadosa, me provocou com uma pergunta que vinte anos atrás até poderia ser difícil de responder, mas, hoje, tiro de letra. Entre a Copa América e Eurocopa fico com o campeonato europeu de futebol. A crise técnica é mundial, mas a fase dos times das Américas do Sul e Latina é bem pior. Já falei inúmeras vezes que a melhor escola em atividade é a inglesa e, por isso, vibrei com Chelsea e Manchester City na final da Liga dos Campeões. Gosto muito do trabalho do alemão Thomas Tuchel e mais ainda do que Pep Guardiola vem realizando há anos em prol do futebol bem jogado. Para mim, um grande time não pode depender apenas do talento de um grande jogador. Quem era o craque da seleção que deu de 7 no Brasil? Quem era o craque da seleção de 70? Quem são os craques de Manchester e Chelsea? Tudo bem que na seleção de 70 tínhamos Pelé, mas prevaleceu o conjunto.

O futebol europeu há anos vem conseguindo mesclar a força desse conjunto com os talentos individuais. Torneios desse lado do mundo, como a Libertadores, continuam com a velha mentalidade de vencer por meio da raça e somente da raça. Sou fã do trabalho de Marcelo Gallardo, do River, e torço para que o Flamengo siga apostando no jogo ofensivo. Palmeiras, Inter, Santos, Grêmio e Galo não me convencem e não vejo nenhuma novidade entre argentinos, uruguaios, chilenos e equatorianos. Torço para o São Paulo de Hernán Crespo dar certo, assim como já vinha torcendo por Fernando Diniz.

Sobre a Euro: não gostei do título de Portugal, em 2016. Foi indo aos trancos e barrancos, e levou sem encantar, vencendo a França na final. Torço para uma seleção que faça nossos olhos brilhar, tipo uma Bélgica ou a própria Inglaterra. Quem sabe. O futebol tem de emocionar e o brasileiro não tem acelerado o meu coração. Por isso, amigos da PLACAR, voto na Eurocopa sem pestanejar, mas com dor no coração. Afinal, o Brasil sempre foi a referência, o país a ser visto, a vitrine do mundo, mas os ventos mudaram e perdemos nossa caravela de vista. ■

“O Brasil sempre foi a referência, o país a ser visto, a vitrine do mundo, mas os ventos mudaram e perdemos nossa caravela de vista”

DARREN WALSH/CHELSEA FC/GETTY IMAGES

Guardiola, do Manchester City, e Tuchel, do Chelsea: futebol bem jogado